

Instituto Politécnico de Viseu

Escola Superior de Saúde de Viseu

Trabalho efectuado sob a orientação de



“Quanto mais me bates, mais gosto de ti”

Sabedoria popular

Agradecimentos

Uma dissertação de mestrado, apesar do processo solitário a que qualquer investigador está destinado, reúne contributos de várias pessoas. É o culminar de muito esforço desenvolvido. Muitos participaram nesta longa jornada, por vezes certa, outras vezes incerta, dando apoio nas horas certas, oferecendo ajuda, sem o saber, e muitas vezes direcionando caminhos.

Começo por agradecer à minha orientadora, Professora Doutora Maria Isabel Bica de Carvalho, por toda a confiança depositada em mim, pela dedicação e competência da sua orientação, rigor científico, pela partilha de ideias, pelas análises construtivas, mas fundamentalmente pela disponibilidade, cooperação e incentivo. Obrigada, por me fazer acreditar que seria possível a concretização deste trabalho.

Ao Professor Doutor João Carvalho Duarte, enquanto coorientador deste estudo pelo seu contributo e orientação, no tratamento estatístico.

À Escola Superior de Saúde de Viseu pela (re)vivência e aprendizagem que marcou todo este percurso

Ao Centro de Reabilitação Psicopedagógico da Sagrada Família, representado pelo Diretor Drº Bruno Freitas, ao diretor clínico e à diretora clínica da Unidade de Pedopsiquiatria S. Rafael pela autorização concedida para a realização deste estudo e pela confiança em mim depositada.

A todos os jovens adolescentes internados na Unidade de Pedopsiquiatria S. Rafael que participaram neste estudo, o meu especial obrigado, pela partilha de informações / vivências pessoais e familiares e pelas reflexões que me fizeram crescer e aprender.

Aos meus pais pela confiança, pela força nos momentos difíceis e pela constante preocupação, por tudo o que me ensinaram e por tudo o que fizeram e fazem por mim, por me terem ensinado a perseguir os meus sonhos sem nunca pensar desistir... porque a eles tudo devo.

À minha irmã Marina e prima Marta, pela amizade, pelas sábias palavras, pelo apoio incessante, pela paciência...a vocês devo grande parte deste trabalho e desta meta conseguida.

Às minhas colegas de turma, em especial à Mónica e à Paula, por todo o apoio ao longo desta caminhada

A ti Nuno, por seres o marido que és... obrigada pelo teu amor, suporte e incentivo. Pelo exemplo de serenidade que foste ao longo deste percurso, e por teres acreditado que conseguia concluir esta etapa com sucesso.

Por fim, mas o mais importante ao meu filho Martim por tudo o que representas na minha vida. Obrigado pelos teus "mimis", pois foram o meu fortalecimento em cada momento frágil deste percurso, e desculpa pelos momentos em que não pude abraçar-te, brincar ou simplesmente segurar-te a mão....

E Agradeço a Deus por me ter iluminado neste caminho.

De uma forma geral, à minha querida família, pelo apoio constante, companheirismo, amizade e com os quais renovo diariamente a confiança e a certeza de que poderemos sempre contar uns com os outros.

Fico eternamente grata a todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, se cruzaram no meu caminho ao longo deste meu percurso para que chegasse ao fim deste trabalho com um enorme sentimento de satisfação.

Resumo

Enquadramento: A violência no namoro na adolescência é um problema social relevante, quer pela sua prevalência e consequências ao nível da saúde física e mental, quer porque ocorre numa fase da vida onde os relacionamentos amorosos se estão a iniciar e os padrões de relacionamento estão ainda a ser apreendidos, podendo passar para a fase adulta.

Objetivos: Determinar a prevalência e os tipos de violência no namoro; analisar o efeito das variáveis sociodemográficas, de contexto familiar, contextuais a maus tratos e de consumos aditivos sobre a violência no namoro.

Metodologia: Estudo quantitativo não experimental, com um *design* transversal e descritivo-correlacional numa amostra constituída por 72 adolescentes (idade \bar{x} =15.72; Dp =1.38) admitidos no internamento de Pedopsiquiatra. A recolha de dados inclui questionário de caracterização sociodemográfica e o Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes.

Resultados: Verificou-se que 94,4% dos jovens apresentam estratégias de resolução de conflitos abusivas nas suas relações de namoro. O tipo de violência mais praticado é a violência verbal com 90,3% como perpetração e 95,8% como vitimização, secundada pela violência psicológica com 75% na perpetração e 80,6% na dimensão de vitimização.

Conclusão: A violência no namoro está associada às variáveis sociodemográficas: sexo, residência e coabitação; contextuais a maus tratos: violência conjugal na família e de consumos aditivos: álcool e drogas.

Palavras-chave: Adolescentes; Namoro; Violência no namoro;

Abstract

Background: Dating violence in adolescence is a relevant social problem, both because of its prevalence and consequences in terms of physical and mental health and because it occurs in a stage of life where dating relationships are beginning and relationship patterns are still being grasped and this may lead to pass into adulthood.

Objectives: To determine the prevalence and types of dating violence; to analyze the effect of sociodemography, of family context, analyzing the variables of mistreating and addictive consumption on dating violence.

Methodology: A non-experimental quantitative study with a cross-sectional and descriptive-co relational design in a sample of 72 adolescents patients in a psychiatric hospital (age $x = 15.72$; $Dp = 1.38$). Data collection includes a sociodemographic characterization questionnaire and an inventory of Conflicts in Dating Relationships among Adolescents.

Results: It was found that 94.4% of the adolescents have abusive strategies for solving conflicts in their dating relationships. The most prevalent type of violence is verbal violence with 90.3% as a perpetration and 95.8% as victimization, followed by psychological violence with 75% as a perpetration and 80.6% in the victimization dimension.

Conclusion: Dating violence is associated with sociodemographic variables: sex, residence and cohabitation; Contextual to mistreatment: marital violence in the family and addictive consumption: alcohol and drugs.

Keywords: Adolescents; Dating; Violence

Sumário

Índice de figuras	13
Índice de tabelas.....	27
Introdução.....	17
I PARTE- Enquadramento teórico.....	21
1. Conceito de Violência no namoro	23
1.1. Violência no namoro em adolescentes.....	27
1.2. Tipos de violência no namoro.....	31
1.3. Teorias explicativas para a violência no namoro	33
1.4. Fatores de risco para a prática de violência nas relações de namoro	35
1.5. Prevenção da violência no amor	38
II PARTE - Estudo Empírico.....	43
1. Metodologia	45
1.1. Métodos	45
1.2. Participantes	47
1.2.1. Caracterização sociodemográfica da amostra.....	48
1.3. Instrumento de colheita de dados.....	49
1.3.1. Questionário de caracterização sociodemográfica	49
1.3.2. Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (CADRI) .	50
1.4. Procedimentos	54
1.5. Análise dos dados.....	55
2. Resultados.....	56
2.1. Análise descritiva	56
2.2. Análise inferencial	59
3. Discussão dos Resultados.....	73
Conclusão.....	79
Referências bibliográficas:.....	83
ANEXOS.....	91

Anexo I – Pedido de autorização para a recolha de dados	93
Anexo II – Protocolo do estudo	95
Anexo III – Autorização para a realização do estudo	101
Anexo IV – Declaração de compromisso para a realização do estudo.....	103
Anexo V – Consentimento Informado	105
Anexo VI- Questionário de investigação	107

Índice de figuras

Figura 1 –Representação esquemática da relação prevista entre as variáveis estudadas na investigação empírica.....	40
---	----

Índice de tabelas

Tabela 1 - Estatísticas da idade em função do sexo.....	48
Tabela 2 – Caracterização sociodemográfica em função do sexo.....	48
Tabela 3 - Consistência interna para as estratégias de resolução de conflitos abusivas (próprio e outro).....	52
Tabela 4 - Consistência interna para as estratégias de resolução de conflitos não abusivas (próprio e outro).....	53
Tabela 5 - Variáveis de contexto familiar em função do sexo.....	56
Tabela 6 – Variáveis contextuais de maus tratos em função do sexo.....	57
Tabela 7 – Consumos aditivos em função do sexo.....	57
Tabela 8 - Estatísticas da idade com que começaram a namorar em função do sexo.....	58
Tabela 9 - Pessoa a que se refere o inquérito.....	58
Tabela 10 –Estratégias de resolução de conflitos e tipos de violência no namoro.....	59
Tabela 11 - Estratégias de resolução de conflito segundo a idade.....	60
Tabela 12 - Estratégias de resolução de conflito segundo o sexo.....	61
Tabela 13 Estratégias de resolução de conflito segundo a residência.....	62
Tabela 14 - Estratégias de resolução de conflitos segundo a coabitação.....	63
Tabela 15 - Estratégias de resolução de conflitos segundo o relacionamento do pai.....	64
Tabela 16 - Estratégias de resolução de conflitos segundo o relacionamento da mãe.....	65
Tabela 17 - Estratégias de resolução de conflitos segundo a escolaridade do pai.....	66
Tabela 18 - Estratégias de resolução de conflitos segundo a escolaridade da mãe.....	66
Tabela 19 - Estratégias de resolução de conflitos segundo o historial de violência conjugal na família.....	67
Tabela 20 - Estratégias de resolução de conflito segundo o historial de vítima de violência na família.....	68
Tabela 21 - Estratégias de resolução de conflitos segundo o consumo de álcool.....	69
Tabela 22 - Estratégias de resolução de conflitos segundo o consumo de drogas.....	70
Tabela 23 - Estratégias de resolução de conflitos segundo a idade de início do namoro..	71

Tabela 24 - Estratégias de resolução de conflito segundo a pessoa a que se refere o inquérito.....	71
--	----

Introdução

A violência no namoro tem vindo a receber, sobretudo na última década, a atenção de muitos profissionais e investigadores, não apenas pela frequência que parece assumir dentro dos relacionamentos íntimos - sendo relatada por 25% a 30% dos jovens portugueses envolvidos em relações afetivas (Caridade, Machado & Vaz (2007) - como pelo impacto nas vítimas, sendo considerada como promotora da violência conjugal (Mendes,2006).

Este tipo de violência perpetuada no contexto da intimidade não difere substancialmente daquela que ocorre em relações conjugais, pelo que, face à legislação portuguesa, este tipo de prática é punida enquanto crime de violência doméstica (DGS,2014).

É na adolescência que se pode consolidar a aceitação da violência e também as crenças sobre a mesma. É uma fase crítica para agir no sentido da interiorização do que é uma relação saudável e o uso de outras formas de resolver conflitos que não a violência. Com efeito, os jovens devem ser entendidos como alvos de intervenção de prevenção primária, não somente como agentes passivos, mas essencialmente como agentes ativos de mudança capazes de interiorizarem novos conhecimentos, de desconstruírem mitos, de adquirirem competências e de as utilizarem eficazmente e de refletir sobre os efeitos dos seus comportamentos, tomando decisões pró-ativas de mudanças com repercussões no seu mundo pessoal e comunitário.

A primeira chamada de atenção para a questão da violência no namoro e o seu reconhecimento, enquanto problema social, surge com Kanin (1951 cit. Flanagan, 2003), durante uma investigação em que este analisava a violência sexual masculina nos relacionamentos de namoro: 30% das mulheres entrevistadas relatavam ter sido alvo de tentativa de violação ou de violação durante um encontro, enquanto frequentavam o ensino secundário. Contudo, e apesar desta consciência inicial, só em 1981, Makepeace, ao realizar o primeiro estudo na área da violência na intimidade juvenil, conseguiu alertar a comunidade científica para esta problemática, revelando que um em cada cinco estudantes universitários eram afetados por este problema, fossem eles vítimas ou perpetradores de atos abusivos (Saavedra, 2010).

Considera-se que os estudos realizados com os adolescentes são ainda escassos, no entanto, não obstante a este tardio interesse pelo estudo da violência nas relações íntimas juvenis, temos assistido, progressivamente, a uma multiplicação não só de estudos nesta área como de iniciativas. A nível nacional, e com vista a uma intervenção preventiva, a

Secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade, a SEIES, a UMAR e a Capazes, lançaram, no dia 4 de outubro de 2016, a campanha nacional contra a violência no namoro com o mote «Muda de Curso: violência no namoro não é para ti». A nível da Região Autónoma da Madeira, no estudo realizado pelo Instituto da Segurança Social da Madeira em 2015, com a participação de 2.366 jovens, 13% dos jovens que participaram na amostra admitiram violência no namoro sendo que destes, 7% assume-se como vítima e 4% como vítima e agressores simultaneamente (Carvalho, 2016). A obtenção destes dados foi o ponto de partida para a criação de uma campanha regional para a prevenção da violência no namoro que foi lançada em Novembro de 2016 e que pretende envolver os jovens como agentes ativos de mudança junto dos seus pares, promovendo a modificação de comportamentos violentos e a não-aceitação de violência nas relações de intimidade, especificamente nas de namoro.

O contexto profissional em que nos inserimos, especificamente a prestação de cuidados de Enfermagem a Adolescentes, tem sido uma chamada de atenção para esta realidade, não só pela frequência com que acontece, mas também pela normalidade com que os comportamentos violentos são vivenciados pelos adolescentes. Estes factos levam-nos a afirmar e defender que há ainda uma grande necessidade de trabalhar estes temas com os jovens e fundamentam a intervenção de equipas multidisciplinares como agentes na prevenção da violência no namoro.

Assim sendo, percebida a relevância desta problemática e dada a escassez de estudos realizados em Portugal, o estudo que nos propomos realizar neste relatório final procura responder à necessidade de explorar a violência no namoro na adolescência, tentando compreender os comportamentos face à violência nas relações de namoro numa amostra de adolescentes admitidos no internamento de Pedopsiquiatria. Paralelamente, objetivamos conhecer a prevalência do fenómeno da violência no namoro na população adolescente da Região Autónoma da Madeira e contribuir para a identificação de variáveis que caracterizam socio demograficamente o adolescente e o seu contexto familiar, com vista a uma identificação dos fatores preditores e explicativos da violência no namoro juvenil.

Este interesse percebido sobre o estudo da violência no namoro na adolescência e da compreensão das suas relações com múltiplos fatores pode, em última análise, contribuir para a identificação de “grupos de risco” e para o desenvolvimento de ações que permitam prevenir ou ajudar a reduzir os seus efeitos, não só junto dos adolescentes, mas também junto de agentes educativos, como, por exemplo, os pais e os professores, para que possam adquirir conhecimentos que lhes permitam atuar com mais sabedoria diante de situações desta natureza.

Perante esta problemática, o desenvolvimento do processo de investigação orientou-se no sentido de responder às seguintes questões de investigação: 1) Qual a prevalência da violência no namoro nos adolescentes?; 2) Que variáveis sociodemográficas se relacionam com a violência no namoro?; 3) Qual a influência das variáveis de contexto familiar e variáveis contextuais a maus tratos na violência no namoro?; 4) Qual a influência das variáveis de consumos aditivos na violência no namoro?

No sentido de se procurar responder às questões formuladas, delinearam-se os seguintes objetivos de investigação: 1) Determinar a prevalência de violência no namoro; 2) Identificar as variáveis sociodemográficas que se relacionam com a violência no namoro; 3) Analisar o efeito das variáveis de contexto familiar e variáveis contextuais a maus tratos sobre a violência no namoro; 4) Analisar o efeito das variáveis de consumos aditivos sobre a violência no namoro.

No sentido de uma melhor compreensão do presente estudo, o trabalho é constituído por duas partes: o Enquadramento Teórico e o Estudo Empírico. A primeira parte é reservada à fundamentação teórica, construída com base em contributos investigativos que suportem o nosso estudo empírico. Encerra conceitos relativos à violência no namoro, tipos de violência, teorias explicativas para a violência no namoro, fatores de risco para a prática de violência nas relações de namoro e linhas orientadoras para a prevenção da violência no namoro. Numa segunda parte constará o estudo empírico, onde se aborda o tipo de estudo, os participantes, o instrumento de colheita de dados, os procedimentos e a análise dos dados. Segue-se depois a apresentação e discussão dos resultados, onde confrontamos os resultados obtidos no presente estudo com os construtos teóricos e achados científicos de outras investigações sobre a temática. Por fim, apresentamos as conclusões onde salientamos os resultados considerados mais pertinentes e apelamos a estudos futuros sobre a problemática.

I PARTE- Enquadramento teórico

1. Conceito de Violência no namoro

A violência no namoro tem revelado, desde meados do século passado, uma elevada preocupação e reconhecimento, tanto a nível científico, como social, desenvolvendo-se uma vasta literatura e investigação nesta área (Duarte, 2011).

No entanto, o primeiro reconhecimento sobre a violência no namoro, como problema social, surge com uma investigação desenvolvida por Kanin (1951) e o reconhecimento científico deste fenómeno ocorre apenas com Makepeace (1981), quando este torna público os resultados de uma investigação na área da violência no namoro. Nos últimos anos, em contrapartida, tem vindo a surgir uma grande variedade de definições, derivada da falta de consenso entre diferentes autores, devido à forma, função, severidade e manifestações de violência no namoro (Doroteia, 2013).

A violência nas relações de intimidade consiste num problema global que afeta uma proporção considerável da população, afigurando-se com uma configuração de género, uma vez que a maioria das vítimas são mulheres e a maior parte dos homens são perpetradores de atos de violência (Veríssimo, Catarino Fabião et al., 2013). De acordo com os mesmos autores, é uma prática intimamente estada nas relações desiguais. Além de ser uma violação dos direitos humanos e de acordo com a OMS (2010), a violência nas relações de intimidade causa danos profundos no desenvolvimento físico, psicológico, sexual, reprodutivo, social, académico e profissional, com efeitos na saúde e no bem-estar das pessoas, famílias e comunidades, quer a curto, quer a médio e a longo prazo, podendo, em casos mais graves, redundar em morte. A OMS considera que este tem sido um problema de saúde pública bastante desvalorizado e mal percebido. Ainda de acordo com o mesmo organismo, mais concretamente no que se refere aos efeitos na saúde que lhe estão subjacentes salientam-se: as lesões corporais, a gravidez indesejada, o aborto, as complicações ginecológicas, as infeções sexualmente transmitidas (incluindo o HIV), a síndrome de stress pós-traumático, a depressão e o suicídio (OMS, 2010).

A Associação Portuguesa de apoio à vítima (APAV) integra a violência no namoro no conceito de violência doméstica, considerando-a como qualquer conduta ou omissão de natureza criminal, reiterada e /ou intensa ou não, que inflija sofrimentos físicos, sexuais, psicológicos ou económicos, de modo direto ou indireto, a qualquer pessoa que resida habitualmente no mesmo espaço doméstico ou que, não residindo, seja conjugue ou ex-cônjuge, companheiro/a ou ex-companheiro/a, namorado/a ou ex-namorado/a, ou progenitor de descendente comum, ou esteja, ou tivesse estado, em situação análoga ou que seja ascendente ou descendente, por consanguinidade, adoção ou afinidade.

Atualmente, a intimidade juvenil assume várias configurações que não vão de encontro ao padrão tradicional de namoro, que é caracterizado por um certo nível de compromisso, vínculo emocional e expectativa de continuidade. Estas relações juvenis, assumem diversos padrões interativos que podem ir de um compromisso emocional absoluto até ao não envolvimento afetivo. É neste contexto, que surgem as relações de intimidade ocasionais, caracterizadas por relacionamentos ausentes ou ínfimos no que refere à vinculação afetiva (Antunes & Machado, 2012). Nestas relações de intimidade de curta duração, embora haja um envolvimento físico e/ou sexual, não existe um comprometimento emocional entre os dois parceiros, nem assumem a possibilidade de haver uma continuidade do mesmo (Antunes & Machado, 2012).

A violência entre parceiros para a Organização Mundial de Saúde (2012) é “qualquer comportamento no seio de uma relação de intimidade que causa dano físico, psicológico ou sexual, abrangendo atos físicos agressivos, abuso psicológico, relações sexuais forçadas e outras formas de coação sexual, bem como comportamentos controladores (associados ao *stalking*), tais como isolar a vítima da sua família e amigos ou limitar o seu acesso a informação e assistência” (Ávila, 2013, p.1). Considera-se, assim, que está presente violência no namoro quando, numa relação amorosa, se exerce um poder e/ou controlo sobre o(a) companheiro(a), fazê-lo(a) sentir-se subordinado(a), incompetente, desvalorizado(a) e com medo (Wekerle & Tanaka, 2010; Couto, 2013).

Deste modo, quando está presente a violência no namoro, pode dizer-se que esta se encontra marcada pelo abuso e violência que pode ser praticada de diversas formas e que pode ser, ou não, visível aos outros ou perceptível ao próprio. Com estes tipos de relação violenta, emerge o medo, a vergonha e a culpa por parte da vítima. Quando existe violência no namoro, o (a) parceiro é física, sexual e verbalmente agressivo(a) com o(a) outro(a), não lhe permite autonomia, controla tudo o que o outro faz, humilha-o(a) perante os outros, culpa o(a) parceiro(a) pelos seus atos, não permite o fim da relação, pressiona-o(a), impõe-se na relação sexual e tenta compensar os comportamentos violentos (Ferreira, 2013).

Segundo Hamberg & Holtzworth-Monroe (1994), Caridade (2008), citados por Duarte (2011), quando existe violência numa relação que se inicia na fase de namoro, esta tem tendência a prolongar-se durante os anos, a aumentar a frequência e o grau de gravidade da situação. Com isto, as relações violentas e abusivas que tiveram início na fase de namoro mas que ocorrem, também, durante o casamento são caracterizadas pelo controlo e restrição da autonomia da mulher ou do homem (Aguinha, 2013).

Durante a violência no namoro pode ocorrer um processo que surge, frequentemente, intitulado como o “ciclo de violência”. Este consiste numa dinâmica

extremamente comum que ocorre com assiduidade entre a vítima e o agressor e encontra-se dividido em três fases: a fase da tensão, a fase da explosão/ataque violento e a fase da lua-de-mel. A fase da tensão é caracterizada pelas tensões do cotidiano que são acumuladas pelo/a agressor/a, e que este não as sabe ou não as consegue resolver. Estas tensões, criam um ambiente de perigo iminente para a vítima, pois esta, na maioria das vezes é culpabilizada pelas mesmas. Nesta fase, pode existir um menor uso de violência física ou verbal em que a vítima tenta tranquilizar o seu companheiro, mas sem sucesso. A fase de explosão, caracteriza-se pela existência de violência grave, especialmente agressões físicas e verbais perpetradas de forma mais intensa do que as da fase anterior, fazendo com que a vítima sinta medo e ansiedade. Durante esta fase, algumas vítimas procuram a ajuda da polícia, da família e de entidades de apoio. A terceira fase, denominada de lua-de-mel, caracteriza-se pelo arrependimento do agressor. Este mostra-se culpado, afetuoso e com remorsos, jurando nunca mais repetir os atos de violência. No entanto, as discussões e as provocações acabam por reemergir, levando a uma nova tensão entre o casal que acaba por originar uma nova fase de explosão e desencadear uma nova série de atos violentos. Assim, o ciclo de violência tem tendência a repetir-se com mais intensidade e em períodos de tempo menores, levando a lesões cada vez mais graves ou até à morte da própria vítima (Couto, 2013).

A violência nas relações de namoro já se encontra enquadrada no Código Penal (artigo 152º) que refere, que se trata de um crime de violência quando existem maus tratos físicos e psicológicos, castigos corporais, privações de liberdade praticados a pessoas do mesmo ou de sexo oposto, sendo que a vítima já manteve ou mantém relações semelhantes à dos cônjuges, mesmo sem coabitação (Aguinha, 2013).

Os estudos desenvolvidos na área de violência na intimidade juvenil vieram contraditar uma alegação comum acerca da essência desta forma de abuso, nomeadamente a de que o homem é o seu perpetrador e a mulher a sua vítima. No entanto, muito embora vários autores apoiem esta tese, conforme referem Ventura, Frederico-Ferreira e Magalhães (2013), a maioria das investigações internacionais e nacionais desenvolvidas nesta área revela que a violência entre companheiros amorosos se caracteriza por trocas mútuas de agressão, evidenciando que as mulheres podem ser fisicamente tão violentadas como os homens.

A violência no namoro em jovens, grosso modo, referenciada na literatura internacional como *dating violence* e/ou *courtship violence*, tem vindo a ser considerada um problema social proeminente (Callahan, Tolman, & Saunders, 2003). Todavia, este é um problema que ainda está pouco patente nos discursos sociais e educativos, comparativamente à violência conjugal (Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006). De

acordo com Cleveland, Herrera e Stuewing (2003), a investigação nesta área incidia nos jovens que frequentam o ensino universitário, tendo sido precursor o estudo de Makepeace (1981) sobre esta temática. Contudo, começou a constatar-se que estes comportamentos violentos tinham, muitas vezes, início em anos anteriores da formação académica, por exemplo, no ensino secundário, ou mesmo no início da adolescência (Maas, Fleming, Herrenkohl, & Catalano, 2010).

Assim, vários autores defendem que a violência no namoro existe nos relacionamentos entre adolescentes, sendo um problema social significativo, conforme se expõe de seguida, tendo em conta os artigos analisados. Os resultados presentes na literatura internacional e nacional sobre a violência no namoro em jovens apresentam índices preocupantes.

O namoro na adolescência assume-se, para muitos adolescentes, como a sua primeira experiência de relacionamento íntimo e de acordo com Carlson (1987, cit. por Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006) para 12% dos adolescentes do ensino secundário pode ser um confronto com situações de agressão ou violência, quer seja física, sexual ou psicológica. Por seu turno, outros autores sugerem que a primeira experiência de violência ocorre no ensino secundário, sendo por volta dos 15 anos o primeiro episódio de violência (Muñoz-Rivas, Graña & González, 2011).

Saavedra e Machado (2012) sugerem que existem vários fatores que exacerbam a violência entre parceiros no namoro, tais como: as pressões, as inseguranças e o romantismo; as perceções erradas acerca do ciúme e do controlo; a conformidade com os papéis tradicionais de género e a falta de experiência.

A violência nas relações de namoro não se circunscreve unicamente à dimensão sexual, podendo envolver múltiplas e variadas formas, entre as quais o abuso físico e psicológico (Machado, Matos & Moreira, 2003; Paiva & Figueiredo, 2004).

Estudos realizados por Matos (2006), para além de evidenciarem que os atos violentos não são exclusivamente praticados pelos homens, têm o mérito de chamar a atenção para um dos fenómenos de violência mais ignorados: o da violência exercida pela mulher na intimidade. No entanto, tal como já foi referido uma grande parte dos estudos que têm produzido evidências científicas de simetria na violência íntima, quer em relações maritais quer não maritais, têm sido alvo de críticas. De acordo com Caridade, Machado e Vaz (2007), as mulheres, em comparação com os homens, experimentam níveis mais elevados de violência severa e reações emocionais mais acentuadas.

1.1. Violência no namoro em adolescentes

A descoberta da violência em relações de namoro ocorreu acidentalmente quando, durante uma investigação, estavam a ser aplicados inquéritos de Vitimação a outros grupos sociais que revelaram valores alarmantes de violência na intimidade juvenil (Couto, 2013).

Em 1981, Makepeace, publicou o primeiro estudo sobre violência física em relações de namoro, nos adolescentes, revelando que 20% dos estudantes já tinham tido pelo menos uma experiência de violência física numa relação de namoro e que 61% reportaram conhecer alguém que havia passado por esta experiência (Doroteia, 2013).

Em Portugal, Paiva & Figueiredo (2004) conduziram estudos para determinar o alcance dos números da violência no namoro. Em 318 casais de adolescentes estudantes, a presença de cenários violentos demonstrou uma prevalência de vitimização de abuso físico com sequelas de 3.8%, e sem sequelas de 6.3%. Em termos de violência psicológica, uma percentagem de 50.8% dos mesmos estudantes reportaram serem vítimas. Ainda, outro estudo conduzido em Portugal por Machado, Matos e Moreira (2003) com adolescentes revelou uma percentagem de 15,5% dos jovens admitiu já ter sido vítima de pelo menos um ato abusivo durante o último ano, e 21,7% da amostra admitiram já ter perpetrado atos violentos contra o companheiro (Costa, 2014).

Um estudo realizado por Murta et al. (2013) avaliou os efeitos de uma intervenção preventiva sobre a intenção de enfrentar a violência no namoro e crenças sexistas e homofóbicas entre adolescentes. Participaram 60 adolescentes, dos quais 27 eram do grupo experimental e 33 do grupo de controlo. Enquanto o grupo de controlo não recebeu nenhuma intervenção, o grupo experimental recebeu uma intervenção acerca de género, direitos e habilidades de vida, em sete sessões grupais. Os resultados, analisados através de pareceres aplicados antes e após o programa, apontaram para uma maior redução em crenças sexistas e homofóbicas entre os participantes do grupo experimental em comparação aos do grupo de controlo. Os resultados, no que concerne à forma de enfrentar a violência no namoro, foram similares entre as condições experimentais, com o aumento na intenção de negociação e na redução em intenção de resignação e violência. Foi relatada a prática de habilidades interpessoais durante e após o programa, aos cinco meses de follow-up.

Ambos os grupos apresentaram, no pós-teste, a diminuição na frequência de relatos nas categorias “término”, “violência” e “resignação” e aumento na categoria “negociação” (Murta, Santos, Nobre et al., 2013). Os mesmos autores ressaltam que a frequência de respostas no pré e pós-teste para a categoria “negociação” superou as outras categorias em ambas as condições experimentais. Em síntese, os resultados encontrados no pós-teste

foram similares entre as condições experimentais, com aumento de relatos reveladores da intenção de negociação e redução em formas de enfrentar com violência, resignação e término.

Um fator relevante abordado nos dois estudos referidos relaciona-se com a relação entre as atitudes de minimização ou legitimação da violência e os comportamentos de vitimação e de agressão. Crenças erradas acerca da violência parecem promover a culpabilização da vítima, a desresponsabilização do agressor e ser importantes preditores do envolvimento em relacionamentos abusivos.

Realizou-se igualmente um estudo por Saavedra e Machado (2012) que objetivava avaliar o impacto de uma ação de sensibilização e informação sobre a violência nos relacionamentos de namoro, implementada em contexto escolar ao nível do ensino secundário, e perceber o papel do género no impacto da intervenção. Esta foi uma ação composta por três sessões de 90 minutos, cada uma, conduzidas junto de 578 alunos de 15 escolas do norte de Portugal. Todos os alunos preencheram, antes e após a intervenção, questionários de autorrelato acerca das suas atitudes sobre a violência física, psicológica e sexual nos relacionamentos de namoro e acerca das estratégias de resolução de conflitos por si utilizadas nestes relacionamentos. Os resultados patentearam a eficácia da intervenção ao nível da diminuição das atitudes de legitimação da violência nos relacionamentos, não sendo possível identificar-se um impacto significativo da ação nas estratégias de resolução de conflitos utilizadas pelos participantes. De acordo com as investigadoras, estes resultados podem estar associados ao facto de o programa ter uma duração breve e uma orientação mais informativa do que comportamental. A questão do impacto diferencial deste tipo de programas em função do género não apresentou neste estudo resultados conclusivos.

Os mesmos autores constaram que não existiam diferenças significativas entre o grupo experimental e o grupo controlo no pré-teste. Existiam, no entanto, diferenças significativas nas subescalas de legitimação da violência física masculina e na legitimação da violência psicológica feminina, em ambos os casos superiores no grupo experimental. Verificaram que a violência sexual é perpetrada maioritariamente pelos adolescentes do sexo masculino. Os mesmos autores sustentam que os rapazes apresentaram níveis significativamente mais elevados de tolerância às diferentes formas de violência quer estas fossem perpetradas por rapazes, quer por raparigas. Esta superior legitimação tem sido encontrada em diferentes estudos e por diferentes autores (Machado et al., 2010; Matos et al., 2006), e tem sido explicada, nomeadamente, pelo facto de os rapazes serem socializados no sentido de uma maior agressividade nos seus relacionamentos interpessoais.

Num estudo conduzido por Vieira, em 2013, 70.5% da amostra admitia já ter cometido pelo menos um ato de violência e 67% já tinha sido vítima de pelo menos um ato agressivo. Estes valores, em estudantes do ensino superior, podem estar ligados com a legitimação da violência nas relações amorosas por parte destes indivíduos, dos quais alguns poderão vir a desempenhar profissões nas quais tenha contacto com vítimas dessas situações (Costa, 2014).

Em termos de vitimação, tanto as mulheres como os homens apresentam valores significativos consoante os estudos, o que nos leva a crer que a violência pode ocorrer em ambos os sexos. No entanto, considera-se como principal perpetrador o sexo feminino. (Machado, Caridade & Martins, 2010; Couto, 2013). Contrariamente, os resultados de outros estudos dizem que a violência nas relações amorosas é caracterizada por mútuas agressões, mostrando assim que as mulheres podem ser tão agressivas quanto os homens, a nível físico e/ou psicológico (Costa, 2014).

Com base numa investigação, realizada por Veríssimo, Catarino Fabião et al. (2013), numa amostra de estudantes, constituída maioritariamente por raparigas (55,7%), com uma média de idades de 16,2 anos, a frequentarem, na sua maioria, o 10^o ano de escolaridade (43,7%), observaram que 68,3% dos estudantes referiu ter mantido uma relação de namoro, apesar de, no momento da colheita de dados, nem todos manterem essa relação. Os autores verificaram que somente 15,5% dos estudantes não tiveram uma experiência de namoro. A duração da relação de namoro é, em média, de 8,9 meses, oscilando entre 1 e 100 meses. Constataram que 138 (4,0%) das/os estudantes afirmaram ter sido vítimas de violência. Confirmaram, ainda, na análise por sexo, que as vítimas de violência no namoro são mais velhas e namoram há mais tempo, quer em relação aos rapazes, quer em relação às raparigas, resultando em diferenças estatisticamente significativas, à exceção dos rapazes no que se refere à idade.

No que concerne aos comportamentos de vitimização e perpetração de violência, ocorridos no namoro, Veríssimo, Catarino Fabião et al. (2013) constataram que as raparigas aludiram a maior número de comportamentos como vítimas do que os rapazes, com diferenças estatisticamente significativas. Neste âmbito e de forma mais concreta, os autores apuraram que em 5 dos comportamentos de vitimização, como: perseguir na escola, puxar cabelos com força, dar uma bofetada, apertar o pescoço, dar pontapés ou cabeçadas, os rapazes revelam um percentual mais elevado, comparativamente às raparigas.

Sears e Byers (2010, cit. por Freitas, 2015) realizaram um estudo com alunos a frequentarem o 7.^o, 8.^o, 9.^o, 10.^o e 11.^o ano de escolaridade, tendo observado que a prevalência de vitimação nas raparigas variou entre 44% e 62% e nos rapazes entre 40% e

60%. Quanto ao tipo de violência mais admitida pelos alunos de ambos os sexos, os mesmos autores apuraram o predomínio de violência psicológica. Lucas (2002) estudou a prevalência do fenómeno da agressividade no namoro em adolescentes, tendo constatado que os rapazes recorrem mais à agressividade física (20%) (empurrar, dar pontapés, esmurrar) comparativamente às raparigas (9.8%). O mesmo autor constatou também que os adolescentes na faixa etária dos 15 e os 17 anos, de ambos os sexos, demonstraram ser os mais agressivos. Duarte e Lima (2006), ao estudarem a prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro, em alunos do ensino secundário e do ensino superior, verificaram que 10.7% dos inquiridos relataram ter estado envolvidos em conflitos com violência física. Quanto ao papel assumido pelos estudantes e no que se refere à violência física, a maioria admitiu já ter sido vítima (97.3%). No mesmo estudo não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas no que concerne à utilização de comportamentos fisicamente agressivos.

Um estudo realizado por Caldeira (2012), nos Açores, com uma amostra de 46 jovens de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 16 e os 29 anos, os quais se encontravam numa relação de namoro íntimo, demonstrou que na maioria dos casos também se verificaram valores reveladores de vitimação, os quais variavam entre 13% e 48%, em função do tipo de comportamento abusivo indicado. No estudo realizado por Gonçalves (2013) acerca das atitudes de legitimação de violência e estratégias de resolução de conflitos em adolescente açorianos, apurou-se que, na globalidade, a os adolescentes parecem não legitimar o uso da violência nas relações amorosas. No que se refere às estratégias de resolução de conflitos utilizadas nas relações de namoro, Gonçalves (2013) constatou que a maioria dos adolescentes mostrou não adotar estratégias de resolução de conflitos abusivas nas suas relações de namoro, tendo relatado que os seus parceiros(as) não utilizam estas estratégias.

Num estudo realizado por Freitas (2015), com 420 alunos, de ambos os sexos, do 8.º ano de escolaridade, de diferentes escolas secundárias da ilha de S. Miguel, divididos num grupo experimental (n=228) e num grupo controlo (n=192), tendo verificado que há correlações positivas entre o comportamento social de submissão e as atitudes dos adolescentes face à violência no namoro. Os resultados revelaram a existência de diferenças significativas quer no momento pré, quer no pós intervenção no que se refere às atitudes dos adolescentes face à violência no namoro, com maior manifestação por parte dos rapazes de uma atitude de maior legitimação da violência em ambos os momentos. Quanto ao comportamento submisso, a mesma autora apurou que não existem diferenças significativas entre médias de rapazes e raparigas. Em relação ao impacto da intervenção, a autora considera que esta teve impacto nas variáveis em estudo, observando-se valores

significativos. Mendes e Cláudio (2010), no seu estudo, observaram que existem diferenças significativas entre os géneros em relação às crenças de legitimação da violência, sendo que o género masculino possui maior aceitação.

Importa ressaltar que, na perspetiva de Freitas (2015), os rapazes propendem a aceitar mais a crença de que a violência pode ser justificável de acordo com os comportamentos das raparigas, acreditando que é mais importante manter a privacidade familiar. Por outro lado, admitem que a violência pode estar ligada a causas externas e fora do controlo do agressor, como, por exemplo, o álcool ou a pobreza, minimizando mais a “pequena violência” no contexto das relações íntimas.

1.2. Tipos de violência no namoro

Sabe-se que hoje em dia os adolescentes envolvidos em relações amorosas experimentam múltiplas formas de abuso (e.g., físico, psicológico, verbal, sexual), começando a perceber-se a verdadeira extensão de um ato que durante anos foi ocultado, muito devido à orientação da investigação para as relações maritais (Moura, 2012). Ao longo das últimas décadas vários investigadores têm-se dedicado à compreensão dos tipos de violência por parte do parceiro, como a ameaça de violência física, psicológica, sexual ou *stalking* (Ferreira, 2013).

Na perspetiva de Ventura, Frederico-Ferreira e Magalhães (2013), violência é a ameaça ou o uso intencional da força ou do poder, abrangendo os atos de agressão física, psicológica e sexual, alicerçados muitas vezes em conceções sociais e culturais estereotipadas. Os mesmos autores mencionam, ainda, que a violência é um “fenómeno de grande abrangência e complexidade em que o conceito de condutas aceitáveis e não aceitáveis é influenciado pela cultura e sujeito a uma constante transformação, podendo manifestar-se de forma subtil como a violência emocional ou o insulto verbal, ou com forte evidência, como na agressão física” (Ventura et al, 2013, p. 96).

Coelho e Machado (2010) optaram por definir violência em relações de intimidade como o recurso a comportamentos que visam assumir o poder na relação, magoar e/ou controlar o/a parceiro/a, podendo tomar a forma de violência física (bater, empurrar), psicológica (insultar, humilhar), sexual (beijar contra a vontade do outro, forçar práticas sexuais) ou *stalking* (perseguir, vigiar contactos).

Violência Física

A violência física pode basear-se no grau de ameaça à vida da vítima, utilizando força física ou de restrição, que tem como principal objetivo provocar dor ou injúria a outrem (Félix, 2012). Esta traduz-se, pela presença de equimoses, hematomas, queimaduras, fraturas ou lesões internas (Moura, 2012), podendo, em casos mais extremos, implicar cuidados e tratamentos médicos, por vezes, com desfecho fatal.

A violência física é o segundo tipo de violência mais praticada em Portugal (26.9%) (APAV, 2014).

Violência Psicológica

No que respeita à violência psicológica podem considerar-se, dois subtipos: (a) emocional/verbal e (b) o domínio/isolamento. Este tipo de violência pretende humilhar ou embaraçar a vítima com intenção de a afetar, torna-la obediente e isola-la de outros indivíduos. A violência emocional/verbal inclui comportamentos como gritar, ofender ou insultar em frente a outros, enquanto a violência com base no domínio/isolamento inclui todas as tentativas de dominar e controlar o parceiro, tais como controlar dispositivos eletrónicos e restringir o comportamento social (Ferreira, 2013). A violência psicológica causa "cicatrizes" inextinguíveis para toda a vida, não deixando marcas corporais visíveis, mas destruindo a autoconfiança e a autoestima da vítima (Moura, 2012).

A violência a nível psicológico é o tipo de violência mais praticada em Portugal (36.8%) (APAV, 2014).

Violência Sexual

O agressor pode afrontar sexualmente de diversas formas a sua vítima: i) o contato sexual (ex.: carícias e beijos), geralmente alcançado através do recurso à pressão verbal, ao abuso de autoridade ou à utilização de ameaças ou da força física; ii) a coerção sexual, que inclui praticar relações sexuais indesejadas, com recurso privilegiado à ameaça através da coerção verbal ou do abuso de autoridade; iii) a tentativa de violação, que implica tentar ter relações sexuais indesejadas, através do uso da ameaça, da força ou de drogas e/ou álcool; iv) a violação sexual, que inclui a prática de relações sexuais indesejadas e implica a utilização da ameaça ou uso da força física ou, ainda, o uso de drogas e álcool, podendo englobar vários tipos atos sexuais não consentidos (relações sexuais oral, anal, penetração digital ou com recurso a objetos) (Peixoto, Matos & Machado, 2013).

A violência sexual é um tipo de violência comum, mas pouco visível. Estudos revelam que a primeira experiência sexual para um terço dos adolescentes de todo o Mundo é forçada (Dixe et al., 2010).

Stalking

Atualmente fala-se de outro tipo de violência, designado de *stalking*. Este, caracteriza-se por um alvo (vitima), que pode ser potenciador de um comportamento de assédio constante, através da comunicação, vigilância e monitorização de uma pessoa com impacto negativo e muitas vezes severo para as vítimas (Dixe et al., 2010). Esta forma de vitimação é especialmente preocupante pois, pode afetar qualquer individuo, independentemente do sexo, orientação sexual, etnia, faixa etária ou classe social, sendo os jovens adultos referenciados como mais vulneráveis. O *stalking* é altamente correlacionado com os outros tipos de violência e que deve ser visto como um tipo de violência específico e não como um subtipo de abuso psicológico (Ferreira, 2013).

1.3. Teorias explicativas para a violência no namoro

Existem diversas teorias explicativas sendo que, muitas estão interligadas a fatores de risco para a violência no namoro e servem para a compreensão deste fenómeno (Mourão, 2014). Os fatores de risco são considerados aspetos que podem aumentar ou manter a violência, e estar relacionados com fatores sociais, culturais, estruturais, situacionais e psicológicos (Duarte, 2011).

O Modelo Ecológico é um modelo de quatro níveis que foi introduzido pela OMS (2002) de forma a permitir compreender a violência no namoro. Segundo este modelo a violência é vista como o produto da relação entre os fatores individuais e contextuais, que influenciam o comportamento das pessoas. O primeiro nível tenta identificar características psicológicas e biológicas, traços de personalidade e vulnerabilidade psicológica para ocorrer os abusos à vítima (Mourão, 2014). No que diz respeito a fatores psicológicos, sintomas depressivos e comportamentos suicidas, estes são percursos de violência no namoro. A baixa autoestima e comportamentos antissociais têm sido apontados, também, como fatores de risco. Assim, como o sentimento de posse e ciúme, expectativas em relação ao trabalho doméstico da mulher, convicção do homem de que tem direito de punir a mulher devido a situações que ele percebe como erradas, e a necessidade que o homem tem de manter a sua posição de dominação (Freitas, 2015). Os homens que consomem álcool ou outro tipo de drogas apresentam uma maior tendência para agredir as suas companheiras (Félix, 2012).

No segundo nível, destacam-se as relações mais próximas mantidas entre amigos, o casal e a família (Aguinha, 2013). Este nível baseia-se na Teoria de Aprendizagem Social de Bandura, que diz que os comportamentos humanos aprendidos são conseguidos através da observação dos comportamentos de modelos sociais ou familiares. Deste modo, entende-se que a observação de certos comportamentos e modelos violentos na infância está na base da continuação da violência intergeracional (Doroteia, 2013). Quando um filho vê o pai exercer violência sobre a mãe, e tendo essa situação como modelo, aumenta a probabilidade de repetir o comportamento com a namorada/esposa. Esta problemática, tanto pode desencadear um agressor e/ou uma vítima, consoante o ambiente em que se está inserido (Duarte, 2011). Assim, pode-se concluir que os pais têm um papel muito importante no contributo dos comportamentos futuros dos seus filhos.

No terceiro nível, vão analisar-se os contextos comunitários, em quais estão inseridas as relações sociais, como o local de trabalho, a escola e o próprio bairro (Mourão, 2014). A investigação nesta área refere que a influência dos pares é responsável pela transmissão de normas, valores e comportamentos relacionais que são aprendidos através da observação. A interação com grupos de pares que, já tenham tido relações que envolviam violência pode aumentar a probabilidade de os jovens virem a imitar esses comportamentos violentos (Félix, 2012).

Chegando ao quarto nível, este centra-se nos fatores mais importantes da sociedade, que influenciam a taxa de violência. Neste nível inserem-se fatores que criam um clima aceitável para que a violência aconteça, os que reduzem as inibições contra ela e os que criam e suportam divisões entre diferentes partes da sociedade. Entre os fatores significativos da sociedade estão: as normas culturais que sustentam a violência, como forma plausível na resolução de discórdias; atitudes que levam ao suicídio como uma escolha pessoal; princípios que dão preferência aos direitos dos pais sobre o bem-estar dos filhos; regras que afixam o domínio do homem sobre a mulher e as crianças; princípios que assistem no conflito político e leis que apoiam o uso da força pela polícia contra os cidadãos (Aguinha, 2013).

Conclui-se assim que este modelo está atento às diversas causas da violência e à interação entre os fatores de risco, que atuam no seio familiar (intergeracionalidade da violência), em contextos da comunidade, sociais, culturais e económicos (Mourão, 2014).

As consequências da violência no namoro são, sem dúvida, aquelas sentidas pelas vítimas e que podem manifestar-se a nível físico, psicológico, académico e profissional. Este tipo de relacionamento violento pode desencadear nos adolescentes: baixa autoestima, depressão, raiva, ansiedade, insucesso escolar, ideação suicida, perturbações alimentares,

envolvimento em comportamentos sexuais de risco, consumo de substâncias e comportamentos de risco associados (Caridade, Saavedra & Machado, 2012).

Numa relação em que esteja presente a violência, podem surgir ferimentos físicos como mal-estar geral, cefaleias, sintomas neurológicos, hipoacusia, hematomas, traumatismos cranianos, cortes ou ossos partidos (Freitas, 2015). O mesmo autor refere que, a nível psicológico, podem surgir problemas emocionais expressados através de raiva, medo, ansiedade, culpa irracional ou depressão que potenciam uma menor autoestima e autoconfiança.

As consequências da violência no namoro, também têm repercussões no agressor, na família e nos amigos próximos à vítima. Atualmente, sendo considerada um crime, o agressor acarreta com algumas consequências a nível judicial, a nível social e profissional. Na família e amigos próximos à vítima, estes expressam sentimentos de impotência, frustração, raiva, angústia e ansiedade perante a ocorrência do ato de violência ao ente querido (Caridade, Saavedra & Machado, 2012).

1.4. Fatores de risco para a prática de violência nas relações de namoro

Um importante fator de risco para a violência é o isolamento imposto pelo parceiro agressor durante o namoro é, embora, muitas vezes, não seja reconhecido como tal pelos jovens. O empenho no isolamento da vítima e até mesmo alguns comportamentos de *stalking* (impedir contactos sociais com os pares) são alguns dos sinais de risco para a violência, podendo, contudo, ser confundidos com manifestações de amor do parceiro. Callahan, Tolman e Saunders (2003),

A explicação mais frequente para a ocorrência da violência está relacionada com as atitudes culturais e crenças, contudo, verifica-se que os estudos empíricos nesta área, são muito reduzidos. No entanto, verifica-se que a relação entre estas atitudes e os comportamentos violentos não é assim tão linear, embora não podendo ser postos de parte, visto ter uma importância significativa (Caridade, Machado & Vaz, 2007). Os mesmos autores referem também a falta de experiência relacional, associada à necessidade de emancipação e de independência dos jovens nesta fase (condições que conduzem à procura de um tempo superior de relacionamento a sós e à tomada de decisões de forma autónoma), nem sempre facilitam o reconhecimento de uma condição de vitimação, nem tão-pouco a identificação de eventuais recursos para a gerir (contacto com outros adultos ou pares).

Oliveira (2011) indica que os homens apresentam índices maiores de atos de violência no namoro, justificando esses atos com o comportamento da mulher.

Aos fatores de risco Méndez e Hernández (2011, p. 34) acrescentam o desejo de controlar e isolar o parceiro, que se revela através de atitudes como: “desejar saber tudo o que o parceiro faz, exigir explicações por tudo, proibir e ameaçar o parceiro, impor regras, não desejar que existam segredos, exigir que o outro dedique a maior parte de seu tempo a ele/ela”. Além de comportamentos como desaparecer sem dar explicações, mostrar-se sedutor(a) para com outras pessoas, manipulador(a), e não admitir seus próprios erros. O desejo de controlar, segundo os mesmos autores, associa-se, *grosso modo*, ao ciúme crônico, à insegurança na relação e à dependência emocional. Porém, destacam que o ciúme é factível mesmo quando o valor dado à relação ameaçada não é de natureza afetiva, mas de natureza social ou económica ou de algum outro tipo.

As assimetrias de poder entre os parceiros íntimos constituem-se analogamente como fortes preditores da violência no namoro. Nas relações de namoro em que o poder e, conseqüentemente, a tomada de decisão não são partilhados, os níveis de violência são significativamente superiores (Kaura & Allen, 2004).

Após a revisão da literatura, mais concretamente os artigos selecionados para o estado de arte, pode dizer-se que são vários os fatores que estão na origem deste fenómeno, tais como as dificuldades associadas à definição de violência e à sua operacionalização, a dificuldade de acesso aos adolescentes ou a inexistência de um estatuto legal, autónomo deste tipo de violência, como reforçam Hickman, Jaycox e Aronoff (2004).

A perpetração da violência no namoro e a vitimização em jovens compartilham, em parte, os mesmos fatores de risco, tais como: testemunhar violência entre os pais, ser vítima direta de violência pelos mesmos, sofrer de abuso sexual, conviver com amigos violentos com os seus parceiros íntimos, ter crenças sexistas, aceitar a violência como meio natural de resolução de conflitos e ter défices nas habilidades sociais assertivas, de manejo da raiva e autocontrolo emocional (Murta et al., 2013). Por outro lado, os mesmos autores referem que as habilidades sociais e o apego seguro com os pais foram identificados como fatores de proteção para a vitimização por violência no namoro.

Uma análise de programas de prevenção à violência entre parceiros íntimos em vários países, onde se incluiu Portugal (Matos et al., 2006), Espanha (Gómez, 2007), Estados Unidos (Schwartz, Magee, Griffin, & Dupuis, 2004) e Índia (Verma, Pulerwitz, Vaishali, Khandekar, Barker, Fulpagare, & Singh, 2006) mostra que o conteúdo desses programas é divergente, abrangendo ou omitindo a promoção de um pensamento crítico quanto aos papéis de género e de habilidades de comunicação e de forma de lidar com as emoções. A título exemplificativo, o programa de Matos et al. (2006) continha informações

acerca das causas, prevalência e tipos de maus-tratos nas relações amorosas; desmistificação de crenças sobre a violência nas relações íntimas, rede de serviços de apoio e enfrentamento em caso de violência no namoro.

Nessa mesma linha, o programa de Gómez (2007) abordou a desmistificação de crenças sobre a violência no namoro e incluiu a capacitação para deteção e reconhecimento da mesma.

Os estudos de vários autores incluíram a discussão das normas tradicionais de papéis de género e de habilidades de comunicação com o parceiro. Verma et al. (2006) e Schwartz et al. (2004). O programa de Verma et al. (2006) continha a negociação sobre o uso de preservativos, riscos e prevenção de infeções sexualmente transmissíveis; violência na comunidade, na família e com o parceiro; género e sexualidade, bem como saúde reprodutiva.

Schwartz et al. (2004) abarcaram os papéis de género e conflitos de papéis de género; táticas de resolução de conflitos aprendidas na família de origem; forma de lidar com a raiva; comunicação assertiva e identificação e expressão de emoções. Os resultados encontrados pelos mesmos autores demonstram que os programas centrados numa perspetiva de género e direitos humanos e que compreendam o desenvolvimento de habilidades de vida produzem resultados mais abrangentes e duradouros.

Vários jovens veem a violência como um ato de amor, sendo esta situação mais característica das raparigas adolescentes, que confundem ciúme com amor. (Caridade e Machado 2006).

Alguns estudos desenvolvidos em contextos de namoro corroboram a ideia de que as raparigas reportam uma ofensa mais severa como resultado do abuso na intimidade, taxas mais elevadas de vitimação sexual e, ainda, um recurso superior a estratégias de autodefesa face à violência, quando comparadas com os rapazes (Ventura et al., 2013).

Callahan, Tolman e Saunders (2003) tentam explicar esta circunstância numa ótica desenvolvimental: as identidades femininas promovem-se mais relacionalmente, por comparação com os rapazes, cujas identidades se promovem sobretudo através da independência e da autonomia. Estas questões poderão não só repercutir-se no impacto que estas experiências têm na vida dos indivíduos vitimados, mas também na forma como cada género acaba por gerir essa condição.

Black e Weiz (2003) alertam para o facto de ser justamente na adolescência que se podem intensificar as diferenças entre os papéis de género, que se pode consolidar a aceitação da violência como uma versão do amor ou como “aceitável” em certas circunstâncias e, ainda, como um período especialmente propício à adesão a alguns mitos

“perigosos” sobre as relações “românticas” (indissolubilidade, associação do amor ao sofrimento). Qualquer um desses fatores pode aumentar o risco de envolvimento numa relação abusiva.

1.5. Prevenção da violência no amor

O fenómeno da violência acarreta sempre consequências significativas para as vítimas, particularmente em termos de saúde. Pelo impacto que pode causar em diversas vertentes, a violência torna-se um foco importante das intervenções dos profissionais que interagem com os adolescentes.

Os enfermeiros, devido ao contacto frequente e direto com o contexto natural dos adolescentes, possuem a oportunidade de intervenção precoce/prevenção da violência no namoro, intervindo de forma a desenvolver o empowerment nas vítimas, ou seja, potencializando as suas capacidades através da formação e da intervenção (Leitão, Fernandes, Fabião, Sá, Veríssimo & Dixe, 2013). Dadas as especificidades desta fase de desenvolvimento, os adolescentes são um grupo com oportunidades especiais para intervenções preventivas e de promoção da saúde. Compreender as relações e as vias através das quais estas podem colocar em risco a saúde dos jovens é cada vez mais um passo crítico para ampliar o conhecimento em enfermagem e o consequente desenvolvimento de abordagens de cuidado efetivas.

Através da educação para a saúde, por exemplo, em contexto escolar, pode envolver-se os adolescentes na construção e na manutenção do seu potencial de saúde. A promoção de uma educação e uma cultura de não-violência na adolescência revela-se de extrema pertinência, na medida em que é nesse contexto que os adolescentes passam grande parte do seu tempo e onde estabelecem relações com os seus pares e as primeiras relações amorosas (Leitão et al., 2013).

Destaca-se assim, que a prevenção da violência é uma das intervenções precoces mais eficazes na minimização deste fenómeno: “Há evidência de benefício para a saúde, a longo prazo, através de intervenções a nível de (...) iii) Prevenção de comportamentos de risco, abuso e violência” (Ministério da Saúde, 2012). A prevenção permite que os indivíduos se livrem a um percurso de vida negativo e também medita o desenvolvimento de competências e conhecimentos que poderão levar à melhor aquisição de resultados dos indivíduos (Kaplan et al., 2000, cit. por Andrade, 2008).

Assim, muito mais do que avaliar as vítimas e prestar cuidados após situações de violência, é essencial prestar particular atenção à prevenção da vitimização de jovens e adolescentes, incluindo o combate às desigualdades de género e à violência relacionada

com os processos de socialização (Ministério da Saúde, 2010). Estas intervenções são reforçadas e baseadas em recomendações da OMS, dado que “a violência pode ser prevenida e o seu impacto reduzido” (Fabião, Sá, Veríssimo & Felizardo, 2011).

A intervenção do Enfermeiro Especialista em enfermagem de saúde infantil e pediatria nesta problemática é reconhecida pela Ordem dos Enfermeiros que descreve como competência do mesmo diagnosticar precocemente e intervir nas situações de risco que possam afetar negativamente a vida ou qualidade de vida do jovem (OE,2010).

No que respeita à violência na fase específica do namoro, a informação, educação para a saúde e sensibilização dos pares são considerados meios de prevenção eficazes visto que promovem o empowerment (Fabião et al., 2011). Dadas as especificidades desta fase de desenvolvimento, os jovens apresentam-se como um grupo com oportunidades especiais para intervenções preventivas e de promoção da saúde. Compreender as relações e as vias através das quais estas podem colocar em risco a saúde dos jovens é cada vez mais um passo crítico para ampliar o conhecimento em enfermagem e o consequente desenvolvimento de abordagens de cuidado efetivas (Soares, 2012).

Os esforços preventivos ao nível da violência no namoro podem ser desenvolvidos em diferentes abordagens e dimensões, nas quais o enfermeiro, em parceria e articulação com outros profissionais, poderá ter uma intervenção válida: a) prevenção primária: trabalhar com os indivíduos que não tiveram contacto com realidades violentas ou experiências de vitimação, procurando ajudá-los a manter essa condição; trabalhar com os pais procurando orientá-los nas suas práticas e estratégias educativas; b) prevenção secundária: trabalhar especificamente com indivíduos em que existe o risco de se tornarem vítimas ou agressores na intimidade (e.g., adolescentes vítimas de violência parental; adolescentes expostos à violência interparental; adolescentes com comportamentos aditivos); c) prevenção terciária: trabalhar com indivíduos que já foram alvo de violência no namoro e que procuram ajuda para essa condição, de forma a reduzir esse impacto e a evitar uma nova vitimação e/ou trabalhar com indivíduos que perpetraram violência e que procuram, voluntária ou coercitivamente, interromper esse tipo de comportamentos (Matos et al., 2006).

A DGS também identifica estas três linhas de intervenção na prevenção da violência evidenciando-as no documento “Violência Interpessoal - Abordagem, Diagnóstico e Intervenção nos Serviços de Saúde” elaborado no âmbito da ação de Saúde sobre Género, Violência e Ciclo de Vida. O mesmo documento destaca o papel específico que as equipas de saúde desempenham na prevenção da violência destacando como intervenção a nível do indivíduo: 1) promover novos padrões que favoreçam a quebra dos ciclos da violência

familiar; II) desenvolver competências para a resolução não violenta de conflitos; III) estimular atitudes de flexibilidade e responsabilidade nas relações afetivas e familiares e IV) promover a elevação da autoestima e empoderamento das vítimas (Camargo et al cit in DGS 2014).

Neste contexto, dos modelos e teorias de enfermagem que podem ser aplicados para desenvolver cuidados de enfermagem no âmbito da promoção de comportamentos não-violentos, faz-se referência ao Modelo de Promoção da Saúde de Nola Pender (Allgood & Tomey, 2011). Este Modelo proporciona uma estrutura simples e clara, em que o enfermeiro pode realizar um cuidado de forma individual, ou reunindo as pessoas em grupo, possibilitando o planeamento, a intervenção e a avaliação das suas ações. Este Modelo tem sido amplamente utilizado para estudar comportamentos que levam à promoção da saúde.

O Modelo de Promoção de Saúde é, essencialmente, um modelo de enfermagem que pode ser aplicado na implementação e reavaliação de ações de promoção da adoção de comportamentos saudáveis nos adolescentes através da inter-relação de três pontos fundamentais: as características e experiências individuais de cada adolescente; os sentimentos sobre o que quer alcançar e o comportamento de promoção de saúde desejável. Neste contexto, o termo saúde é visto como a base dos aspetos individuais, familiares e comunitários, enfatizando-se o bem-estar, o desenvolvimento de capacidades, tendo em consideração a idade e a cultura numa perspetiva holística (Sakraida, 2011).

A pessoa é o centro deste Modelo e expressa-se de forma única e pessoal em conformidade com os seus esquemas cognitivos e percetivos individuais e de acordo com os fatores modificantes a que é exposta. É um modelo individual que pode potencialmente aplicar-se ao longo de todo o ciclo vital, permitindo explicar a modificação do comportamento. Tem como conceitos centrais: fatores cognitivo-percetivos, onde constam a importância da saúde, o controlo percebido da saúde, a autoeficácia percebida, a definição de saúde, o estado de saúde percebido, os benefícios percebidos resultantes da adoção de determinado comportamento e os obstáculos que a pessoa apreende para realizar a ação; fatores modificadores, onde se incluem as características demográficas, as características biológicas, as influências interpessoais; fatores situacionais e fatores comportamentais (Sakraida, 2011).

Fazendo-se uma ligação entre este Modelo e a promoção de relacionamentos amorosos saudáveis nos adolescentes, pode dizer-se que a família, os pares, os profissionais de educação e os profissionais de saúde são importantes fontes de influência interpessoal que podem aumentar ou diminuir o compromisso e a adoção de comportamentos saudáveis. As pessoas, em geral, e os adolescentes, em particular, estão

mais propensos a comprometerem-se com e a adotarem comportamentos de promoção da saúde quando outros significativos modelam o seu comportamento, esperam que o comportamento ocorra e prestam ajuda e apoio para possibilitar o comportamento.

II PARTE - Estudo Empírico

1. Metodologia

Este capítulo tem como finalidade caracterizar, em linhas gerais, a investigação a desenvolver no âmbito do Relatório Final. Nesta medida, serão delineados os seus principais objetivos, as questões de investigação que a norteia e proceder-se-á a uma caracterização genérica dos aspetos metodológicos a eles inerentes, como sejam: o desenho do estudo e as técnicas de recolha de informação, incluem-se os instrumentos utilizados e apresentam-se algumas considerações gerais relativas ao tratamento estatístico dos dados. Para além disso, é também neste capítulo que se caracteriza, em termos globais, a amostra em estudo, bem como a descrição dos procedimentos adotados, quer na preparação formal prévia da recolha de dados (pedidos de autorização, pareceres às entidades correspondentes), quer na administração propriamente dita dos instrumentos de recolha de dados.

1.1. Métodos

A investigação científica tem manifestado um grande interesse pelo problema da violência nas relações de intimidade em jovens adolescentes, procurando determinar não só os seus níveis de incidência mas, em larga medida, os fatores que contribuem para a sua manifestação. Com efeito, o reconhecimento das variáveis associadas à violência no namoro permite a identificação de indivíduos em risco, bem como facilita os esforços de prevenção.

Assumindo-se este estudo de natureza não experimental (não se recorre ao controlo das diferenças individuais nem à manipulação das variáveis independentes) e encerra um *design* transversal e descritivo-correlacional, houve o intuito de responder às seguintes questões de investigação, enquanto guias orientadoras dos procedimentos metodológicos:

- I. Qual a prevalência da violência no namoro nos adolescentes?
- II. Que variáveis sociodemográficas se relacionam com a violência no namoro?
- III. Qual a influência das variáveis de contexto familiar e variáveis contextuais a maus tratos na violência no namoro?
- IV. Qual a influência das variáveis de consumos aditivos na violência no namoro?

Em termos gerais, este estudo de investigação visa contribuir para a compreensão do problema da violência no namoro nos jovens adolescentes da Região Autónoma da Madeira, nomeadamente nos que recorreram à Unidade de Curto Internamento de

Pedopsiquiatria de São Rafael no Centro de Reabilitação Psicopedagógica da Sagrada Família. Especificamente, este estudo pretende:

- I. Determinar a prevalência da violência no namoro
- II. Identificar as variáveis sociodemográficas que se relacionam com a violência no namoro
- III. Analisar o efeito das variáveis de contexto familiar e variáveis contextuais a maus tratos sobre a violência no namoro
- IV. Analisar o efeito das variáveis de consumos aditivos sobre a violência no namoro

São estes quatro objetivos, a par de um quinto, que se prende com a prossecução do estudo das qualidades psicométricas da escala CADRI e de contribuir para o estudo da validação dos mesmos, para o contexto português (nomeadamente a consistência interna) que norteiam o trabalho que apresentamos. Neste âmbito, partilhamos das reflexões de Hallberg e Sverke (2004) quando fazem referência ao facto de que “The construct validity of a measure cannot be established through a simple procedure, and validation should, therefore, be considered a constant process where evidence is found in every empirical study that examines test results from different samples” (p.321).

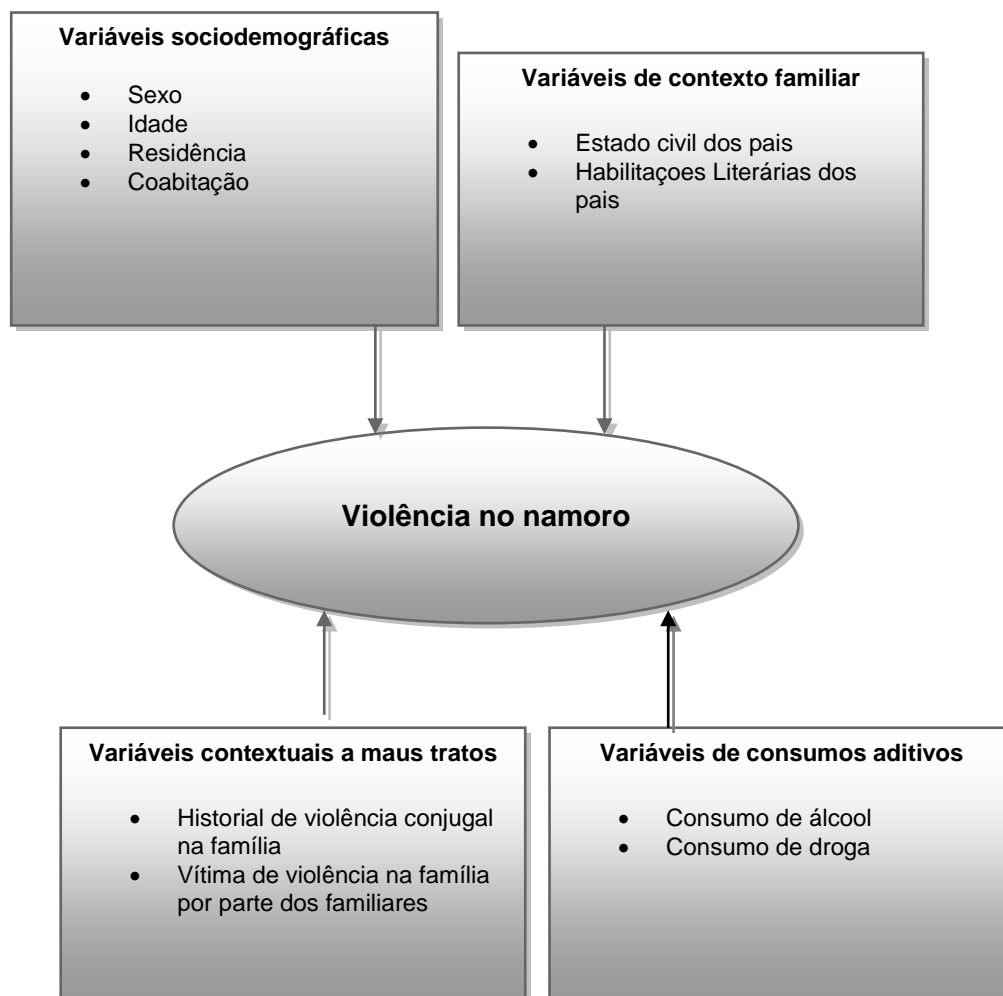
De facto, reafirmamos a pertinência e a necessidade de que se efetue este tipo particular de estudo, como seja a análise das qualidades psicométricas de uma escala, pois daqui decorre, em grande parte, o rigor e a validade da nossa produção científica, assim como das práticas de intervenção. Procurou-se, por isso, através dos procedimentos adotados, garantir a adequação do instrumento e assegurar a sua utilização neste estudo com um grau de confiança aceitável e seguro.

Atendendo aos objetivos traçados, queremos também neste estudo incluir a relação existente entre duas ou mais variáveis, sendo que II) essas relações serão analisadas num momento temporal específico (Alferes, 1997; Fortin, Côte & Fillion, 2009).

Estando a recolher dados em organizações reais, trabalhamos com “grupos naturais”, isto é, medimos variáveis que já existem nos sujeitos, e a pertença dos inquiridos nos níveis de escolaridade considerados determinou o estabelecimento do grupo investigado (Alferes, 1997).

Através do esquema de investigação patente na Figura 1, pretende-se expor uma representação gráfica das principais variáveis, procurando estabelecer a relação entre as variáveis consideradas independentes e a variável considerada dependente.

Figura 1. Representação esquemática da relação prevista entre as variáveis estudadas na investigação empírica



1.2. Participantes

Para este estudo, foi utilizada uma amostra não probabilística por conveniência, dado que a população inteira não é acessível (Hill & Hill, 2000; Pais Ribeiro, 2008), sendo que a unidade estatística de análise é determinada pela admissão de todos os adolescentes na Unidade de Pedopsiquiatria, independentemente de haver historial de violência conhecida.

Uma vez que não existem dados concretos sobre a população, esperamos que o espectro da amostra conseguida seja o mais próxima possível (em proporção) da população (n=72). A recolha de dados foi efetuada no período de Outubro de 2015 até Maio de 2016, até incluir o máximo possível de adolescentes internados com o intuito de maximizar a validade do estudo.

1.2.1. Caracterização sociodemográfica da amostra

Conforme observado na Tabela 1, a idade média dos adolescentes é de 15.72 anos (± 1.386 dp.) com um coeficiente de variação de 8.81%, o que nos indica uma dispersão baixa em relação à média. Entre os sexos a média de idade é inferior para as raparigas (Média=15.51 anos ± 1.473 dp.), sendo os rapazes mais velhos (Média=16.12 anos; ± 1.130 dp.), continuando os coeficientes de variação a indicar uma dispersão baixa em relação às idades médias encontradas.

Tabela 1 - Estatísticas da idade em função do sexo

Idade	N	%	Média	DP	CV (%)
Sexo					
Feminino	47	65.3	15,51	1,473	9,49
Masculino	25	34.7	16,12	1,130	7,00
Total	72	100.0	15,72	1,386	8,81

Ainda em relação à **idade**, como exposto na Tabela 2, verificou-se que, para a totalidade da amostra, sobressaem os adolescentes na faixa etária dos 15-16 anos (45.8%), dos quais 48.9% são raparigas e 40.0% rapazes. Seguem-se os adolescentes com 17 anos (34.7%), fazendo parte deste grupo 27.7% das raparigas e 48.0% dos rapazes. Os estudantes mais novos estão em menor representatividade (19.4%).

Da análise dos resultados relativos à **residência**, pode-se afirmar que há um claro predomínio de participantes que provêm de zona rural (66.7%), onde se destacam os rapazes (66.7%), seguindo-se as raparigas com uma representatividade de 66.0%. Dos 33.3% de adolescentes oriundos de zona urbana, 34.0% são raparigas e 32.0% rapazes (cf. Tabela 2).

Em relação à **coabitação** constatou-se que a maioria dos adolescentes (62.05%) vive numa família nuclear/alargada, 66.0% são raparigas e 56.0% rapazes, seguindo-se os adolescentes que dizem viver numa instituição (22.02%), dos quais 21.3% são raparigas e 24.0% rapazes. Os adolescentes a viver com outros familiares estão em menor percentagem (15.3%) (cf. Tabela 2).

Tabela 2 – Caracterização sociodemográfica em função do sexo

Variáveis	Sexo		Total		Residuais			
	Feminino	Masculino	Total	Residuais	1	2		
	nº (47)	% (65.3)	nº (25)	% (34.7)	nº (72)	% (100.0)		
Idade								
≤ 14 anos	11	23,4	3	12,0	14	19,4	1,2	-1,2
15-16 anos	23	48,9	10	40,0	33	45,8	,7	-,7
17 anos	13	27,7	12	48,0	25	34,7	-1,7	1,7
Residência								
Rural	31	66,0	17	68,0	48	66,7	-,2	,2
Urbana	16	34,0	8	32,0	24	33,3	,2	-,2

Coabitação								
Instituição	10	21,3	6	24,0	16	22,2	-,3	,3
Familiares	6	12,8	5	20,0	11	15,3	-,8	,8
Família nuclear/ alargada	31	66,0	14	56,0	45	62,5	,8	-,8

1.3. Instrumento de colheita de dados

Os objetivos que norteiam este estudo e as variáveis selecionadas requerem a aplicação de um total de dois instrumentos (cf. Anexo): I) Questionário de caracterização sociodemográfica, por nós construída; II) Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (CADRI), devidamente traduzido e adaptado para a população portuguesa por Saavedra, Machado, Martins e Vieira (2008).

Adotou-se o questionário anónimo autoadministrado (cf. Anexo), no qual se apresenta um breve texto introdutório onde se escreve a sua finalidade, a garantia de anonimato, confidencialidade e apelo à participação terminando com um agradecimento à colaboração do respondente.

A investigação por questionário reúne um conjunto de vantagens, entre as quais se sublinha (1) a possibilidade de recolher informação sobre uma vasta panóplia de comportamentos, atitudes e motivações relativos ao passado e ao presente dos inquiridos; (2) a obtenção de uma panorâmica rica relativamente ao domínio a investigar; (3) o acesso a descrições comportamentais não passíveis de serem observadas pelo investigador por motivos de ordem prática e/ou deontológica (Alferes, 1997; Fortin et al. 2009; Hill & Hill, 2000; Pais Ribeiro, 2008).

1.3.1. Questionário de caracterização sociodemográfica

Como a sua denominação indica, este questionário encerra um conjunto de questões que se reportam a variáveis de natureza pessoal dos adolescentes (sociodemográficas e familiares), com a finalidade de conhecer e caracterizar a amostra, o qual foi construído para o efeito *ad hoc* e encerra questões como: (1) sexo; (2) idade; (3) residência (4) coabitação; (5) estado civil dos pais; (6) habilitações literárias dos pais; (7) historia de violência conjugal na família; (8) vítima de violência na família; (9) consumo de drogas; (10) consumo de álcool. Este questionário engloba 10 itens de resposta fechada e outros de resposta aberta, cujas respostas se encontram agrupadas em categorias de análise na fase de tratamento preliminar dos dados recolhidos.

1.3.2. Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (CADRI)

O Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes é uma adaptação do Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory (CADRI), que foi desenvolvido e validado, em 2001, por uma equipa de investigadores coordenados por David Wolfe (Wolfe, Scott, Reitzel-Jaffe, Wekerle, Grastey & Straatman, 2001, cit. por Machado, Gonçalves, Almeida & Simões, 2011). O Inventário foi adaptado e validado para a população portuguesa por Saavedra, Machado, Martins e Vieira (2008).

O CADRI é um instrumento de autoregisto com 70 itens que permitem aferir sobre a prevalência de múltiplas formas de comportamentos que ocorrem nas relações de namoro entre adolescentes.

Cada tipo de comportamento avaliado permite aferir sobre duas grandes dimensões (cada uma composta por 35 itens): Estratégias de Resolução de Conflito utilizadas pelo sujeito (Perpetração) e as Estratégias a que o sujeito relata ser alvo por parte do parceiro(a) (Vitimização). Em ambas, são avaliadas as estratégias de resolução de conflitos utilizadas nos relacionamentos de namoro entre adolescentes, distribuídos em dois fatores distintos: a) estratégias de resolução de conflitos positivas ou não abusivas - procuram a resolução da disputa sem recurso a comportamentos agressivos ou violentos; b) estratégias de resolução de conflitos abusivas - referem-se à utilização de alguma forma de comportamento violento. Estes comportamentos referem-se a formas específicas de abuso ou violência, especificamente: a) violência física (abrange os itens 8, 25, 30 e 34), b) violência sexual (abrange os itens 2, 13, 15 e 19), c) violência emocional ou verbal (abrange os itens 9, 12, 17, 24, 28 e 32), d) comportamentos de ameaça (abrange os itens 5, 29, 31 e 32), e e) abuso relacional (abrange os itens 3, 20, 21 e 35) (Jouriles, McDonald, Garrido, Rosenfield & Brown, 2005; Saavedra, 2010; Machado et al., 2011).

A frequência com que cada comportamento/ato ocorre é avaliada numa escala tipo Likert de 4 pontos, variando entre o mínimo de 0 (Nunca – isto nunca aconteceu no teu relacionamento) e o máximo de 3 (Frequentemente – isto aconteceu mais do que 6 vezes no teu relacionamento) (Machado et al., 2011; Saavedra, 2010). A pontuação é obtida através da soma de todos os itens para cada subescala, sendo que uma pontuação alta indica uma utilização de estratégias abusivas para a resolução de conflitos nos relacionamentos de namoro entre adolescentes (Saavedra, 2010).

A adaptação e validação portuguesa do CADRI suportou empiricamente a existência dos dois fatores ou dimensões originais da violência no namoro que, no seu conjunto, permitem explicar 27.5% da variância total para a “Escala de Comportamentos do Próprio” e 29.4% da variância total para a “Escala de Comportamentos do Outro”. Paralelamente são

também apresentados os dados relativos à fidelidade do CADRI (alpha de Cronbach), cujos valores globais para cada escala são de 0.82 e 0.81 e variam entre 0.76 e 0.82 nas duas dimensões/fatores considerados (estratégias abusivas vs não abusivas ou positivas) (Saavedra, 2010), refletindo índices aceitáveis de fidelidade e de consistência interna, uma vez que são superiores ao ponto de corte sugerido por Hair et al. (2005) para análises fatoriais exploratórias. No mesmo sentido, Ferreira (2013) no seu estudo encontrou valores da consistência interna satisfatórios, na ordem de 0.87 e 0.86 para as estratégias abusivas e de 0.67 e 0.69 para as estratégias não abusivas ou positivas.

A escala dirige-se a jovens com experiência atual ou passada de envolvimento em relações amorosas, sendo dirigida a alunos do ensino secundário ou com idade superior a 14 anos de idade (Saavedra, 2010).

O CADRI surgiu devido à necessidade de encontrar instrumentos apropriados para avaliar este tema junto da população juvenil, sendo que os jovens expressavam algumas dificuldades ao nível de compreensão dos temas e da formulação dos itens nos instrumentos utilizados anteriormente. Deste modo, o CADRI permite recolher dados acerca da prevalência do fenómeno da violência no namoro na população juvenil, sendo que os conteúdos e a linguagem do tema são adaptados e dirigidos à população adolescente (Machado et al., 2011).

Estudo psicométrico, para o presente estudo, do Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (CADRI)

A escala CADRI já foi adaptada à população portuguesa, contudo importa saber se a escala pode ser aplicada à população em estudo, tendo-se efetuado neste âmbito o estudo da fiabilidade da mesma. A estimação da fiabilidade (consistência interna) das dimensões encontradas foi efectuada através do coeficiente alpha de Cronbach. Importa também aqui referir que seguimos neste âmbito as indicações de Bryman e Cramer (2003), os quais referem que quando um conceito e a sua medida compreendem varias dimensões, os coeficientes de fiabilidade devem ser calculados para cada uma das dimensões subjacentes com base nos itens que integram cada uma dessas mesmas dimensões ao invés de calcular um só para a medida no seu todo. Neste sentido, e para efeitos de interpretação do referido coeficiente, considerámos, considerámos o valor de .60 como valor mínimo aceitável para as análises exploratórias efectuadas recomendado por Pestana e Gageiro (2014).

A análise da fiabilidade para cada dimensão encontrada revelou uma consistência interna muito boa para a “estratégias de resolução de conflitos abusivas do próprio” ($\alpha = 0,907$) e para a a “estratégias de resolução de conflitos abusivas do outro” ($\alpha = 0,938$). A

análise cuidada dos itens revela que apenas o item 7 “Eu relembrei uma coisa má que ele(a) tinha feito no passado” apresenta uma correlação com o total da subescala inferior a 0.30. Contudo, uma vez que a melhoria no valor de α de Cronbach com e eliminação deste item é muito pouco significativa ($\alpha=0,908$), optou-se por mantê-lo na análise. Com excepção deste item, verificamos que mais nenhum outro item prejudica a consistência interna e que todos apresentam correlações acima de .30 com a dimensão respectiva (Pestana & Gageiro, 2014), factos que corroboram a não eliminação de qualquer item destas subescalas.

Tabela 3 - Consistência interna para as estratégias de resolução de conflitos abusivas (próprio e outro)

Nº Item	Dimensões	Média	Dp	R item/total	r ²	α sem item
Estratégias abusivas do Próprio			Alfa global			0,907
3	Eu tentei pôr os amigos dele(a) contra ele(a).	0,40	,705	0,640	0,527	0,900
4	Eu fiz alguma coisa para lhe provocar ciúmes	1,38	,999	0,548	0,416	0,903
7	Eu relembrei uma coisa má que ele(a) tinha feito no passado	1,54	,992	0,430	0,281	0,908
9	Eu disse coisas só para o(a) deixar furioso(a).	1,13	1,074	0,612	0,463	0,900
12	Eu falei com ele(a) num tom de voz agressivo e mau	1,43	1,046	0,711	0,616	0,896
17	Eu insultei-o(a) com coisas humilhantes	0,83	,979	0,680	0,527	0,897
20	Eu contei coisas aos amigos dele(a) para os pôr contra ele(a).	0,43	,766	0,727	0,686	0,897
21	Eu gozei-o(a) ou fiz pouco dele(a) em frente de outros.	0,53	,769	0,712	0,752	0,897
23	Eu controlo com quem ele(a) está e onde está	1,54	1,138	0,606	0,432	0,901
24	Eu culpei-o(a) pelo problema	1,18	1,053	0,705	0,579	0,896
28	Eu acusei-o(a) de se meter com outras(os) raparigas/rapazes	1,39	1,095	0,535	0,391	0,904
32	Eu ameacei terminar o namoro	1,42	1,286	0,694	0,633	0,897
35	Eu espalhei boatos contra ele(a)	0,39	,703	0,664	0,602	0,900
Estratégias abusivas do Outro			Alfa global			0,938
3.1	Ele(a) tentou pôr os meus amigos contra mim	1,01	1,000	0,633	0,535	0,936
4.1	Ele(a) fez alguma coisa para me provocar ciúmes	1,72	1,116	0,563	0,507	0,938
7.1	Ele(a) lembrou uma coisa má que eu tinha feito no passado	1,67	1,048	0,570	0,360	0,938
9.1	Ele(a) disse coisas só para me deixar furiosa(o)	1,35	1,140	0,641	0,559	0,936
12.1	Ele(a) falou comigo num tom de voz agressivo e mau	1,51	1,126	0,757	0,641	0,932
17.1	Ele(a) insultou-me com coisas humilhantes	0,96	1,119	0,747	0,638	0,933
20.1	Ele(a) contou coisas aos meus amigos para os pôr contra mim	0,82	1,105	0,737	0,720	0,933
21.1	Ele(a) gozou-me ou fez pouco de mim em frente de outros	0,89	1,120	0,764	0,739	0,932
23.1	Ele(a) controla com quem eu estou e onde estou.	1,90	1,090	0,714	0,632	0,934

24.1	Ele(a) culpou-me pelo problema.	1,46	1,210	0,824	0,722	0,930
28.1	Ele(a) acusou-me de me meter com outros(as) rapazes/raparigas	1,50	1,138	0,752	0,611	0,932
32.1	Ele(a) ameaçou terminar o namoro	1,51	1,233	0,751	0,677	0,932
35.1	Ele(a) espalhou boatos contra mim	0,86	1,104	0,776	0,750	0,932

Dando continuidade à análise dos resultados da consistência da escala CADRI, observou-se que os valores do α de Cronbach em relação à dimensão “estratégias não abusivas na resolução de conflitos do próprio” ($\alpha=0,514$) e à “estratégias não abusivas na resolução de conflitos do outro” ($\alpha=0,552$), os valores foram inferiores a 0,6 o que aponta para uma fraca consistência interna (cf. Tabela 4). Efetivamente, alguns dos itens não revelam uma correlação forte com a respetiva subescala (<0.3) invalidando também por isso índices satisfatórios de fiabilidade.

Embora estes resultados não sejam os desejáveis e ainda que numa análise mais conservadora devessem ser retirados, optou-se pela sua manutenção tendo em conta a humildade científica que esta escala apresenta. Além disso, em amostras reduzidas, a consistência interna tende a ser menor e nesses casos valores superiores a 0,5 são fracos mas aceitáveis (Maroco e Garcia, 2006)

Tabela 4 - Consistência interna para as estratégias de resolução de conflitos não abusivas (próprio e outro)

Nº Item	Dimensões	Média	Dp	R item/total	r ²	α sem item
Estratégias não abusivas do próprio			Alfa global			0,514
1	Eu apresentei os meus motivos	2,22	0,938	0,311	0,270	0,458
6	Eu admiti que tinha alguma culpa	1,69	0,799	0,334	0,371	0,457
10	Eu dei razões para achar que ele(a) estava errado(a).	1,47	0,993	0,006	0,367	0,553
11	Eu concordei que ele(a) estava, em parte, certo(a).	1,69	0,833	0,223	0,370	0,486
14	Eu apresentei uma solução que achei boa para os dois	2,17	0,856	0,454	0,361	0,418
16	Eu deixei de falar até ele(a) se acalmar	1,74	0,919	0,223	0,103	0,486
18	Eu discuti o assunto calmamente	1,89	0,897	0,152	0,232	0,506
22	Eu ameacei-o(a), para tentar ter relações sexuais com ele(a).	2,08	0,960	0,221	0,379	0,486
26	Eu abandonei a sala para me acalmar	1,58	0,931	0,263	0,244	0,473
27	Eu desisti só para evitar um conflito	1,74	1,048	0,073	0,217	0,537
Estratégias não abusivas do outro			Alfa global			0,552
1.1	Ele(a) apresentou os motivos dele(a)	1,89	0,928	0,220	0,166	0,532

6.1	Ele(a) admitiu que tinha alguma culpa	1,36	0,844	0,432	0,335	0,478
10.1	Ele(a) deu razões para achar que eu estava errada(o).	1,49	0,934	-0,136	0,251	0,621
11.1	Ele(a) concordou que eu estava, em parte, certa(o).	1,57	0,853	0,169	0,213	0,544
14.1	Ele(a) apresentou uma solução que achou boa para os dois	1,76	1,014	0,533	0,437	0,433
16.1	Ele(a) deixou de falar até eu me acalmar	1,47	0,978	0,388	0,210	0,483
18.1	Ele(a) discutiu o assunto calmamente	1,75	0,884	0,322	0,221	0,505
22.1	Ele(a) disse-me o quanto aborrecido(a) estava	1,78	1,051	0,078	0,348	0,575
26.1	Ele(a) abandonou a sala para se acalmar	1,29	0,956	0,264	0,292	0,520
27.1	Ele(a) desistiu só para evitar um conflito	1,36	0,969	0,227	0,408	0,530

1.4. Procedimentos

Tendo em conta os objetivos a que se propôs com o presente trabalho, encetámos num conjunto de ações/procedimentos com vista à recolha de dados junto dos jovens adolescentes.

A recolha dos dados foi antecedida de um conjunto de procedimentos:

- I. Pedido de autorização, por correio eletrónico, para aplicação da escala CADRI aos autores que traduziram e validaram a mesma para a população portuguesa;
- II. Pedido de autorização, pela Escola Superior de Saúde de Viseu, à Direção do Centro de Reabilitação Psicopedagógica da Sagrada Família, para efetuar a colheita de dados;
- III. Apresentação de projeto de investigação à Direção do Centro de Reabilitação Psicopedagógica da Sagrada Família, num modelo próprio (designado “Protocolo de Estudo”), dando a conhecer os objetivos do estudo, a população alvo, o tipo de instrumento a utilizar para a recolha da informação, o procedimento de recolha de dados, bem como considerações éticas que acompanham todo o processo.

Após autorização para a realização do estudo iniciou-se a recolha de dados propriamente dita. A administração dos questionários foi concretizada presencialmente pela investigadora em contexto de internamento, garantindo I) o esclarecimento de dúvidas que surgiram; II) o correto preenchimento dos mesmos e III) o cumprimento dos princípios éticos. Para além do consentimento informado foi também assegurado o carácter voluntário da participação, o anonimato e a confidencialidade dos dados, assim como a apropriação do estudo e a liberdade de desistência a qualquer momento, sem que esse facto constitua algum tipo de prejuízo pessoal (Fortin et al. 2009; Pais Ribeiro, 2008).

1.5. Análise dos dados

A análise de dados obedeceu aos objectivos propostos assim como à natureza das variáveis. Destacam-se dois tipos de tratamento de dados: análise descritiva para compreendermos as características dos jovens que compõem a amostra e a inferência estatística que apresenta testes de igualdade de distribuição. Para a análise inferencial, consideraram-se os seguintes níveis de significância por (Pestana e Gageiro) (2014):

- $p > 0.05$ - diferença estatística não significativa
- $p < 0.05$ * - diferença estatística significativa
- $p < 0.01$ ** - diferença estatística bastante significativa
- $p < 0.001$ *** - diferença estatística altamente significativa

Na avaliação das propriedades psicométricas dos instrumentos, a fiabilidade foi avaliada pelo coeficiente de alfa de Cronbach como definido por Pestana e Gageiro (2014).

Uma vez que as escalas utilizadas resultam de somas de itens com escala tipo Likert são variáveis numéricas e ordinais e por esta razão foram utilizados vários testes estatísticos: o teste de Kruskal-Wallis na comparação de medidas de localização de mais de duas amostras independentes; o teste de Mann-Whitney na comparação de duas amostras independentes; e o Teste de Wilcoxon para estabelecer relação entre a dimensão do próprio e do outro (Maroco, 2007).

A hipótese nula do teste de Mann-Whitney pressupõe que a distribuição dos dois grupos é estatisticamente igual. Para valores de prova inferiores a 0,05 devemos rejeitar a hipótese nula, logo existem diferenças significativas entre os grupos (Pestana e Gageiro, 2014).

O teste de Kruskal-Wallis foi utilizado para comparar mais de dois grupos independentes. Para valores de prova inferiores a 0,05 devemos rejeitar que os grupos são iguais, logo existe pelo menos um grupo que difere dos restantes. Para estabelecer quais os grupos que diferem foram realizados testes de Mann-Whitney entre todos os pares possíveis.

Os resultados serão apresentados em tabelas do qual se omitio a fonte na medida em que resultou de um estudo transversal.

2. Resultados

No presente capítulo, estruturado em duas partes, começa-se por apresentar os resultados relativos à estatística descritiva, seguindo-se os dados concernentes à estatística inferencial.

2.1. Análise descritiva

Variáveis de contexto familiar

Na Tabela 5 encontram-se os resultados referentes ao **estado civil** dos pais dos adolescentes, donde apurou-se que quer no grupo de raparigas, quer no grupo dos rapazes há um claro domínio de pais com companheiro(a) (pai 55.6% vs. mãe 61.1%).

No que se refere às **habilitações literárias** dos pais, quer no grupo das raparigas, quer no dos rapazes, sobressaem os pais que têm até ao 3º Ciclo do Ensino Básico (pai 65.7% vs. mãe 67.2%), secundados pelos cujos pais têm o ensino secundário (pai 22.47% vs. mãe 25.4%).

Tabela 5 - Variáveis de contexto familiar em função do sexo

Variáveis	Sexo		Feminino		Masculino		Total		Residuais	
	nº (47)	% (65.3)	nº (25)	% (34.7)	nº (72)	% (100.0)	1	2		
Estado civil do pai										
Com companheiro(a)	30	63,8	10	40,0	40	55,6	1,9	-1,9		
Sem companheiro(a)	17	36,2	15	60,0	32	44,4	-1,9	1,9		
Estado civil da mãe										
Com companheiro(a)	34	72,3	10	40,0	44	61,1	2,7	-2,7		
Sem companheiro(a)	13	27,7	15	60,0	28	38,9	-2,7	2,7		
Habilitações literárias do pai										
Até ao 3º CEB	30	66,7	14	63,6	44	65,7	,2	-,2		
Ensino secundário	11	24,4	4	18,2	15	22,4	,6	-,6		
Ensino superior	4	8,9	4	18,2	8	11,9	-1,1	1,1		
Habilitações literárias da mãe										
Até ao 3º CEB	31	68,9	14	63,6	45	67,2	,4	-,4		
Ensino secundário	11	24,4	6	27,3	17	25,4	-,2	,2		
Ensino superior	3	6,7	2	9,1	5	7,5	-,4	,4		

Variáveis contextuais a maus tratos

Os adolescentes foram questionados acerca da existência de algum **tipo de violência conjugal na sua família**, apurou-se que a maioria (66.7%) confirma essa situação, sendo esta análoga a 61.7% das raparigas e a 76.0% dos rapazes, enquanto 33.3% da amostra não confirmaram casos de violência no seio familiar, onde predominam as raparigas (38.3%) (cf. Tabela 6).

Em relação ao facto de os participantes terem sido **vítima de algum modo de violência por parte dos familiares**, como apresentado na Tabela 6, constatou-se que a maioria (55.6%) refere que não (raparigas 57.4% vs. rapazes 52.0%), contrariamente a

44.4% dos adolescentes que admitem a referida situação, o que é comum a 42.6% das raparigas e a 48.0% dos rapazes.

Tabela 6 – Variáveis contextuais de maus tratos em função do sexo

Variáveis	Sexo		Feminino		Masculino		Total		Residuais	
	nº (47)	% (65.3)	nº (25)	% (34.7)	nº (72)	% (100.0)	1	2		
Existência de algum tipo de violência conjugal na família										
Não	18	38,3	6	24,0	24	33,3	1,2	-1,2		
Sim	29	61,7	18	76,0	48	66,7	-1,2	1,2		
Vítima de algum tipo de violência por parte dos familiares										
Não	27	57,4	13	52,0	40	55,6	,4	-,4		
Sim	20	42,6	12	48,0	32	44,4	-,4	,4		

Variáveis de consumos aditivos

Quanto aos dados apurados em relação aos *consumos aditivos* -, como exposto na Tabela 7, constatou-se que em relação ao **consumo de álcool** mais de metade da amostra (62.0%) não o consome, quer 63.0% das raparigas, quer 60.0% dos rapazes, enquanto 38.0% dizem que consomem bebidas alcoólicas, fazendo parte deste grupo 37.0% das raparigas e 40.0% dos rapazes.

Verificou-se também que, em relação ao **consumo de drogas**, 58.3% dos adolescentes admitem que não têm este comportamento aditivo, o que corresponde a 61.7% das raparigas e 52.0% dos rapazes. Opostamente, 41.7% dos participantes conferiram que consomem drogas, onde registamos 38.3% das raparigas a consumir e 48.0% dos rapazes (cf. Tabela 7).

Tabela 7 – Consumos aditivos em função do sexo

Variáveis	Sexo		Feminino		Masculino		Total		Residuais	
	nº (47)	% (65.3)	nº (25)	% (34.7)	nº (72)	% (100.0)	1	2		
Consumo de álcool										
Não	29	63,0	15	60,0	44	62,0	,3	-,3		
Sim	17	37,0	10	40,0	27	38,0	-,3	,3		
Consumo de drogas										
Não	29	61,7	13	52,0	42	58,3	,8	-,8		
Sim	18	38,3	12	48,0	30	41,7	-,8	,8		

Idade com que começou a namorar

As estatísticas da idade com que os adolescentes começaram a namorar revelaram, para a totalidade da amostra, uma idade mínima de 10 anos e uma máxima de 16 anos, com uma média de 13.40 anos \pm 1.535 anos), a que corresponde um coeficiente de variação de 11.45%, sugestivo de dispersão fraca. No sexo feminino, a idade mínima e máxima oscila ente os 10 e 16 anos, sendo idêntico no sexo masculino. As raparigas começaram ligeiramente a namorar mais tarde do que os rapazes (cf. Tabela 8).

Tabela 8 - Estatísticas da idade com que começaram a namorar em função do sexo

Sexo	N	Min	Max	M	DP	CV (%)
Masculino	25	10	16	13,72	2,127	15,50
Feminino	47	10	16	13,23	1,563	11,81
Total	72	10	16	13,40	1,535	11,45

Pessoa a que se refere o inquérito

Procurou-se também saber a pessoa em quem os adolescentes pensavam aquando da realização do questionário, tendo-se observado que 43.1% da amostra se refere ao(à) atual namorado(a) bem como num(a) ex-namorado(a) do último ano. Apenas 13.9% referem estar a pensar num(a) ex-namorado(a) há mais de um ano.

Tabela 9 - Pessoa a que se refere o inquérito

Assinala a pessoa em que estás a pensar quando respondes às questões?	Total	
	N	%
O meu (minha) namorado(a) atualmente	31	43,1%
Num (a) ex-namorado(a) do último ano	31	43,1%
Num (a) ex-namorado(a) há mais de um ano	10	13,9%

Estratégias de Resolução de Conflitos e Tipos de violência no namoro

Q1 - Qual a prevalência da violência no namoro nos adolescentes?

Na tabela 10 estão os resultados relativos à percepção dos adolescentes face às estratégias de resolução de conflito de si próprio (perpetração) e das do outro (vitimização) bem como as estratégias não abusivas do próprio e o outro.

De uma forma geral, todos os jovens utilizam pelo menos uma vez as estratégias não abusivas, mas por outro lado 94,4% dos adolescentes procuram as estratégias abusivas na resolução de um conflito.

Relativamente à prevalência dos diferentes tipos de comportamentos abusivos ou violentos (cf. Tabela 10) que possam ter ocorrido numa relação de namoro, constatou-se que, globalmente, os valores mais expressivos referem-se aos comportamentos de violência verbal, psicológica e relacional.

No que concerne à **perpetração**, observou-se que os adolescentes recorreram a 90.3% de comportamentos de violência verbal, 75.0% psicológica e 56.9% dos participantes referiram ter praticado comportamentos fisicamente violentos. De forma menos evidente, 50% afirmou ter praticado comportamentos sexualmente violentos e 48.6% abuso relacional.

Referente à **vitimização** a que os participantes se encontram sujeitos numa relação de namoro, verificou-se que 95.8% mencionaram ser vitimizados através de comportamentos abusivos verbais, seguidamente 80.6% referiram sofrer de violência psicológica e 69.4% de abuso relacional. Com menos prevalência, mas igualmente preocupante, os adolescentes referiram ter sido alvo de comportamentos de violência sexual (66.7%) e fisicamente violentos (56.9%).

Em síntese, podemos afirmar que a violência do outro se sobrepõem à violência do próprio, o que denota maior vitimização dos adolescentes. Os adolescentes são mais vitimizados através de comportamentos abusivos de natureza verbal, psicológica e relacional. Por outro lado, os comportamentos violentos praticados pelo próprio mais comuns são: violência verbal, psicológica e física.

Tabela 10 –Estratégias de resolução de conflitos e tipos de violência no namoro

		Próprio			Outro		
		n	%	IC 95%	n	%	IC 95%
Estratégias de resolução de conflitos abusivas	Ausência	4	5,6%		3	4,2%	
	Presença	68	94,4%	[89,15 ; 99,74]	69	95,8%	[91,22; 100]
Estratégias de resolução de conflitos não abusivas	Presença	72	100%		72	100%	
Violência física	Sem violência	31	43,1%		31	43,1%	
	Com violência	41	56,9%	[45,51 ; 68,38]	41	56,9%	[45,51 ; 68,38]
Violência sexual	Sem violência	36	50,0%		24	33,3%	
	Com violência	36	50,0%	[38,45 ; 61,55]	48	66,7%	[55,78 ; 77,56]
Violência verbal	Sem violência	7	9,7%		3	4,2%	
	Com violência	65	90,3%	[83,43 ; 97,12]	69	95,8%	[91,22 ; 100]
Violência psicológica	Sem violência	18	25,0%		14	19,4%	
	Com violência	54	75,0%	[65 ; 85]	58	80,6%	[71,41 ; 89,7]
Abuso relacional	Sem violência	37	51,4%		22	30,6%	
	Com violência	35	48,6%	[37,07 ; 60,16]	50	69,4%	[58,8 ; 80,08]

2.2. Análise inferencial

Efetuada a análise descritiva, procede-se seguidamente à análise inferencial, procurando dar resposta às questões de investigação.

Q2 - Que variáveis sociodemográficas se relacionam com a violência no namoro?

Procurou-se averiguar se existe relação entre as variáveis demográficas dos jovens e as estratégias de resolução de conflitos utilizadas (abusivas vs não abusivas) e respetivas

formas de violência no namoro. As tabelas que apresentamos de seguida mostram os valores médios (M), desvio padrão (DP) e de ordenação média (OM) de cada uma das componentes da escala CADRI bem como os resultados dos testes de hipóteses não paramétricos: Kruskal-Wallis para comparar mais de duas amostras independentes (para as variáveis idade e coabitação) e o teste de Mann-Whitney para comparar duas amostras independentes (para as variáveis sexo, residência).

Analisando-se os resultados apresentados na Tabela 11, face à **idade** infere-se que são os adolescentes na faixa etária dos 17 anos os que, na globalidade, revelam valores de ordenação média mais elevados, à exceção das estratégias não abusivas do outro, onde a média é mais elevada para os adolescentes mais novos. Contudo, os resultados do teste de Kruskal-Wallis mostra que em todas as componentes da escala os valores de p-value foram superiores a 0,05, logo não há qualquer efeito estatisticamente significativo da idade do jovem sobre as estratégias de resolução de conflito ou sobre as formas de violência utilizadas.

Tabela 11 - Estratégias de resolução de conflito segundo a idade

	Grupo etário						Teste de Kruskal-Wallis	
	<= 14 anos		15 - 16 anos		17 anos		X ²	p-value
	M(DP)	OM	M(DP)	OM	M(DP)	OM		
Estratégias de resolução de conflitos abusivos (próprio)	13,1 (9,5)	34,9	12,3 (8,2)	34,1	15,5 (9,1)	40,5	1,446	0,485
Violência física (próprio)	2,7 (3,4)	36,6	2,5 (3)	36,3	2,6 (3,1)	36,7	0,004	0,998
Violência verbal (próprio)	7 (4,9)	34,7	6,8 (5)	34,4	8,3 (5)	40,3	1,285	0,526
Violência psicológica (próprio)	2,6 (3,1)	31,8	3,3 (3,1)	36,9	3,3 (2,7)	38,6	1,007	0,605
Violência sexual (próprio)	1,6 (3,1)	36,1	1,2 (2,2)	33,0	1,9 (2,1)	41,3	2,617	0,270
Abuso relacional (próprio)	2 (2,8)	37,8	1,2 (2)	31,6	2,4 (2,7)	42,2	4,275	0,118
Estratégias de resolução de conflitos abusivos (outro)	13,6 (7,3)	31,0	16,1 (11,9)	33,9	20,6 (11,1)	43,0	3,893	0,143
Violência física (outro)	1,2 (2,5)	26,7	2,7 (3,4)	37,4	3,3 (3,5)	40,8	4,557	0,102
Violência verbal (outro)	6,5 (4,2)	31,1	7,6 (6,2)	33,6	10,2 (5,4)	43,3	4,233	0,120
Violência psicológica (outro)-	2,5 (2,2)	29,4	4 (3,8)	36,8	4,3 (3,3)	40,0	2,349	0,309
Violência sexual (outro)	0,9 (0,9)	27,8	2,3 (2,9)	36,2	2,7 (2,8)	41,8	4,272	0,118
Abuso relacional (outro)	2,4 (2,6)	31,0	3,4 (3,8)	34,5	4,6 (3,9)	42,2	3,187	0,203
Estratégias de resolução de conflitos não abusivos (próprio)	18,4 (4)	36,0	18 (4,2)	35,7	18,5 (3,8)	37,8	0,162	0,922
Estratégias de resolução de conflitos não abusivos (outro)	16,6 (4,3)	41,1	14,9 (4,3)	32,6	16,4 (4)	39,1	2,232	0,328

M(DP)- Média(Desvio Padrão)

Para analisarmos a relação entre o **sexo** e as variáveis em estudo procedeu-se à realização do teste de Mann-Whitney para amostras independentes. Das análises realizadas, apenas quatro revelaram-se estatisticamente significativas (cf. Tabela 12), todas concernentes à perpetração de comportamentos violentos. Com efeito, dado que o p -value=0,043, inferimos que, de forma global, existem diferenças significativas e que os rapazes utilizam mais estratégias abusivas de resolução de conflitos do que as raparigas. Concretamente, estas estratégias abusivas referem-se à utilização de comportamentos violentos de índole sexual ($p=0,001$), psicológica ($p=0,019$) e relacional ($p=0,003$). Como havíamos encontrado nos dados relativos à prevalência, a violência sexual e o abuso relacional são formas de violência menos frequentes no namoro mas, quando utilizadas, é mais provável que sejam perpetradas por um rapaz do que por uma rapariga.

No que diz respeito às estratégias não abusivas (quer seja do próprio quer seja do outro) bem como à vitimização a que os jovens se encontram sujeitos, verificamos que os valores médios diferem conforme o sexo, contudo não foi encontrada evidência empírica que suporte estatisticamente estas diferenças.

Tabela 12 - Estratégias de resolução de conflito segundo o sexo

	Sexo do sujeito				Teste de Mann-Whitney	
	Feminino		Masculino		Z	p-value
	M(DP)	OM	M(DP)	OM		
Estratégias de resolução de conflitos abusivos (próprio)	11,8 (7,3)	32,9	16,9 (10,4)	43,3	-2,025	0,043
Violência física (próprio)	2,2 (2,5)	35,1	3,4 (3,8)	39,1	-0,815	0,415
Violência verbal (próprio)	6,5 (4,4)	33,1	9,1 (5,5)	43,0	-1,916	0,055
Violência psicológica(próprio)	2,5 (2,6)	32,3	4,4 (3,1)	44,4	-2,352	0,019
Violência sexual (próprio)	0,8 (1,3)	31,2	2,9 (3,3)	46,5	-3,186	0,001
Abuso relacional (próprio)	1,2 (2,1)	31,5	2,8 (2,8)	45,8	-2,971	0,003
Estratégias de resolução de conflitos abusivos (outro)	16,1 (11)	34,4	19,2 (11,1)	40,5	-1,178	0,239
Violência física (outro)	2,4 (3,5)	34,0	3 (3)	41,2	-1,439	0,150
Violência verbal (outro)	7,6 (5,6)	33,9	9,6 (5,8)	41,3	-1,422	0,155
Violência psicológica(outro)	3,5 (3,5)	34,2	4,4 (3,2)	40,9	-1,305	0,192
Violência sexual (outro)	2,4 (3)	36,9	1,8 (1,7)	35,8	-0,206	0,837
Abuso relacional (outro)	3,3 (3,8)	34,6	4,1 (3,5)	40,1	-1,076	0,282
Estratégias de resolução de conflitos não abusivos (próprio)	18,2 (3,9)	36,2	18,4 (4,1)	37,0	-0,149	0,881
Estratégias de resolução de conflitos não abusivos (outro)	15 (4,2)	33,5	17 (3,9)	42,2	-1,698	0,090

Com o intuito de verificarmos se há diferenças nas estratégias de resolução de conflito e respetivos tipos de violência conforme a **residência** dos adolescentes, recorreremos igualmente ao teste de Mann-Whitney. Os resultados evidenciados na tabela 13 mostram

que para as estratégias de resolução de conflito abusivas os valores de prova foram superiores a 0,05, pelo que inferiu-se que as estratégias utilizadas são iguais quer em jovens de meios rurais ou de meios urbanos em ambas dimensões.

Por outro lado, a utilização de estratégias não abusivas do próprio para a resolução de conflitos apresentou diferenças significativas conforme sejam jovens de meio rural ou urbano ($p=0,013$), tendo-se apurado que os adolescentes residentes em meio urbano apresentam valores de ordenação média mais elevados por comparação com os residentes em meio rural.

Para as várias formas de violência no namoro não se registou diferenças significativas entre jovens de meio rural e jovens de meio urbano, pois os valores de prova dos testes de Mann-Whitney foram superiores a 0,05. Não há evidência estatística que permita concluir que a zona de residência influencie a tendência para perpetrar ou ser alvo de vitimização de comportamentos violentos.

Tabela 13 Estratégias de resolução de conflito segundo a residência

	Residência				Teste de Mann-Whitney	
	Rural		Urbana		Z	p-value
	M(DP)	OM	M(DP)	OM		
Estratégias de resolução de conflitos abusivos (próprio)	13,2 (8,9)	35,2	14,4 (8,8)	39,1	-0,741	0,458
Violência física (próprio)	2,6 (3,1)	36,2	2,6 (3)	37,2	-0,200	0,842
Violência verbal (próprio)	7,3 (5)	36,0	7,5 (4,9)	37,4	-0,270	0,788
Violência psicológica(próprio)-	3,1 (3,1)	35,5	3,3 (2,6)	38,4	-0,556	0,578
Violência sexual (próprio)	1,5 (2,4)	35,8	1,6 (2,5)	37,8	-0,404	0,686
Abuso relacional (próprio)	1,7 (2,5)	36,5	1,8 (2,5)	36,4	-0,019	0,985
Estratégias de resolução de conflitos abusivos (outro)	16,4 (11,4)	34,6	18,7 (10,4)	40,2	-1,064	0,287
Violência física (outro)	2,5 (3,3)	34,8	3 (3,5)	39,9	-1,017	0,309
Violência verbal (outro)	8 (5,8)	35,4	8,8 (5,5)	38,8	-0,652	0,514
Violência psicológica(outro)-	3,5 (3,5)	33,9	4,5 (3,2)	41,6	-1,486	0,137
Violência sexual (outro)	2 (2,4)	34,9	2,6 (3)	39,7	-0,931	0,352
Abuso relacional (outro)	3,5 (3,8)	35,6	3,8 (3,6)	38,3	-0,516	0,606
Estratégias de resolução de conflitos não abusivos (próprio)	17,7 (3,9)	32,2	19,5 (3,9)	45,1	-2,496	0,013
Estratégias de resolução de conflitos não abusivos (outro)	15,7 (4,3)	36,4	15,7 (4)	36,8	-0,078	0,938

A tabela 14 mostra o efeito da **coabitação** sobre as estratégias de resolução de conflito utilizadas e formas de violência utilizadas no namoro, apresentando os valores médios e desvio padrão, e os resultados dos testes de Kruskal-Wallis.

Relativamente à perpetração de comportamentos violentos observou-se diferenças estatisticamente significativas ($p=0,039$), com os adolescentes institucionalizados com média inferiores ($OM=26.9$), seguidos dos que vivem com a família nuclear/alargada ($OM=37.9$) e dos que vivem com familiares ($OM=46.0$). De forma concreta, os comportamentos violentos em que estas diferenças ocorrem de forma significativa dizem respeito à violência verbal ($p=0.022$) e à violência psicológica ($p=0.044$), sendo que em ambas os adolescentes institucionalizados são os que utilizam com menos frequência estas estratégias, seguidos dos que vivem com a família nuclear/alargada e dos que vivem com familiares.

No que concerne à vitimização, observou-se a existência de diferenças de médias estatisticamente significativas nas estratégias abusivas de resolução de conflitos ($p=0.001$) em função da contexto de coabitação. Com efeito, em todos os comportamentos abusivos ou violentos verificamos diferenças significativas (física [$p=0.019$]; verbal [$p=0.000$]; psicológica [$p=0.006$]; sexual [$p=0.048$]; relacional [$p=0.004$]), sendo que os adolescentes institucionalizados são os que apresentam com menos frequência estas estratégias, seguidos dos que vivem com a família nuclear/alargada e dos que vivem com familiares.

Por fim, evidenciou-se também diferenças significativas ($p=0,013$) na resolução de conflito com recurso a estratégias não abusivas ou positivas por parte do próprio. Entre jovens institucionalizados, a ordenação média é de 24.4, seguida dos jovens que vivem com a família nuclear/alargada com ordenação média de 38.1 e finalmente com ordenação média igual a 47.4 entre jovens que vivem com familiares.

Tabela 14 - Estratégias de resolução de conflitos segundo a coabitação

	Coabitação						Teste de Kruskal-Wallis	
	Instituição		Familiares		Família nuclear/ alargada		X ²	p-value
	M(DP)	OM	M(DP)	OM	M(DP)	OM		
Estratégias de resolução de conflitos abusivos (próprio)	9,6 (9,5)	26,0	17,1 (8,1)	46,0	14,2 (8,4)	37,9	6,468	0,039
Violência física (próprio)	1,8 (2,9)	30,7	3,7 (2,9)	45,6	2,6 (3,1)	36,3	3,611	0,164
Violência verbal (próprio)	4,8 (5,1)	24,8	9,5 (4,3)	46,0	7,8 (4,8)	38,3	7,614	0,022
Violência psicológica(próprio)	2,3 (2,9)	30,3	5,1 (2,9)	50,0	3 (2,8)	35,4	6,226	0,044
Violência sexual (próprio)	1,5 (3,1)	33,3	1,5 (2)	39,8	1,5 (2,2)	36,8	0,750	0,687
Abuso relacional (próprio)	1,3 (2,4)	30,6	2,3 (2,2)	42,4	1,8 (2,6)	37,2	2,551	0,279
Estratégias de resolução de conflitos abusivos (outro)	9,3 (8,9)	21,4	26 (10,6)	52,2	17,8 (10,1)	38,0	14,811	0,001
Violência física (outro)	1,5 (2,7)	28,6	5 (3,8)	50,5	2,5 (3,2)	35,9	7,923	0,019
Violência verbal (outro)	4,3 (4,6)	21,2	12,8 (5)	53,1	8,6 (5,3)	37,9	15,705	0,000
Violência psicológica(outro)	2,2 (2,8)	25,8	6,5 (3,4)	51,8	3,8 (3,3)	36,5	10,194	0,006
Violência sexual (outro)	1,3 (2,2)	26,5	2,8 (2,1)	45,1	2,4 (2,8)	38,0	6,062	0,048

Abuso relacional (outro)	1,6 (2,6)	23,9	6,4 (3,9)	50,1	3,6 (3,6)	37,7	10,958	0,004
Estratégias de resolução de conflitos não abusivos (próprio)	15,9 (4,8)	24,4	20,3 (1,8)	47,4	18,6 (3,7)	38,1	8,746	0,013
Estratégias de resolução de conflitos não abusivos (outro)	15,1 (5)	33,6	15 (5,2)	33,2	16,1 (3,7)	38,3	0,930	0,628

Q3 - Qual a influência das variáveis de contexto familiar e variáveis contextuais a maus tratos na violência no namoro?

Procurou-se averiguar se existe relação entre as variáveis de contexto familiar (relacionamentos do pai e da mãe; escolaridade do pai e da mãe) e variáveis contextuais a maus tratos (historial de violência conjugal na família; historial de vítima de violência na família) e as estratégias de resolução de conflitos utilizadas (abusivas vs não abusivas) e respetivas formas de violência no namoro. As tabelas que apresentamos de seguida mostram os valores médios (M), desvio padrão (DP) e ordenação média (OM) de cada uma das componentes da escala CADRI bem como os resultados dos testes de hipóteses não paramétricos: Kruskal-Wallis para comparar mais de duas amostras independentes (relacionamento do pai e da mãe; historial de violência conjugal na família; historial de vítima de violência na família) e o teste de Mann-Whitney para comparar duas amostras independentes (escolaridade do pai e da mãe).

Na tabela 15 observou-se que em todos os comportamentos, violentos e não violentos, vivenciados pelos adolescentes, os valores de prova dos testes de Mann-Whitney são superiores a 0,056, pelo que se depreende que as estratégias de resolução de conflitos e formas de violência são invariáveis com o tipo de **relacionamento do pai** dos jovens.

Tabela 15 - Estratégias de resolução de conflitos segundo o relacionamento do pai

	Relacionamento do pai				Teste de Mann-Whitney	
	Com companheiro		Sem companheiro		Z	p-value
	M(DP)	OM	M(DP)	OM		
Estratégias de resolução de conflitos abusivos (próprio)	13,2 (8,8)	35,49	14,1 (9)	37,77	-0,460	0,646
Violência física (próprio)	2,7 (2,9)	38,05	2,5 (3,2)	34,56	-0,734	0,463
Violência verbal (próprio)	7,2 (5,2)	35,84	7,6 (4,6)	37,33	-0,301	0,763
Violência psicológica(próprio)	3,1 (2,9)	36,06	3,3 (3,1)	37,05	-0,201	0,841
Violência sexual (próprio)	1,3 (2,2)	33,96	1,8 (2,6)	39,67	-1,234	0,217
Abuso relacional (próprio)	1,6 (2,4)	34,39	2 (2,6)	39,14	-1,032	0,302
Estratégias de resolução de conflitos abusivos (outro)	17,3 (11,1)	36,83	17 (11,2)	36,09	-0,147	0,883
Violência física (outro)	2,8 (3,6)	37,20	2,5 (3)	35,63	-0,331	0,740
Violência verbal (outro)	8 (5,8)	34,93	8,7 (5,6)	38,47	-0,715	0,474
Violência psicológica(outro)	4,2 (3,6)	38,26	3,4 (3,1)	34,30	-0,805	0,421

Violência sexual (outro)	2,4 (3,1)	36,60	1,9 (1,8)	36,38	-0,046	0,963
Abuso relacional (outro)	3,8 (3,9)	37,95	3,3 (3,5)	34,69	-0,668	0,504
Estratégias de resolução de conflitos não abusivos (próprio)	18,8 (3,7)	38,10	17,7 (4,2)	34,50	-0,732	0,464
Estratégias de resolução de conflitos não abusivos (outro)	15,6 (4,3)	36,51	15,9 (4,1)	36,48	-0,006	0,995

Similarmente, na tabela 16 ficou evidente que não há efeito significativo do **relacionamento da mãe** sobre as estratégias de resolução de conflito e formas de violência utilizadas pelos jovens, uma vez que os valores de prova foram todos superiores a 0,05.

Tabela 16 - Estratégias de resolução de conflitos segundo o relacionamento da mãe

	Relacionamento da mãe				Teste de Mann-Whitney	
	Com companheiro		Sem companheiro		Z	p-value
	M(DP)	OM	M(DP)	OM		
Estratégias de resolução de conflitos abusivos (próprio)	12,7 (8,5)	34,45	15 (9,3)	39,71	-1,041	0,298
Violência física (próprio)	2,5 (2,9)	36,47	2,8 (3,3)	36,55	-0,018	0,986
Violência verbal (próprio)	6,9 (5,1)	34,63	8,1 (4,7)	39,45	-0,956	0,339
Violência psicológica(próprio)-	2,8 (2,9)	33,95	3,7 (3)	40,50	-1,309	0,190
Violência sexual (próprio)	1,3 (2,1)	33,86	1,9 (2,7)	40,64	-1,438	0,150
Abuso relacional (próprio)	1,5 (2,3)	33,80	2,2 (2,7)	40,75	-1,482	0,138
Estratégias de resolução de conflitos abusivos (outro)	16,4 (10,9)	35,11	18,3 (11,3)	38,68	-0,705	0,481
Violência física (outro)	2,5 (3,5)	35,27	2,8 (3,1)	38,43	-0,652	0,515
Violência verbal (outro)	7,6 (5,6)	33,81	9,4 (5,7)	40,73	-1,372	0,170
Violência psicológica(outro)-	3,8 (3,6)	35,74	3,9 (3)	37,70	-0,390	0,697
Violência sexual (outro)	2,3 (3)	35,53	2 (1,9)	38,02	-0,503	0,615
Abuso relacional (outro)	3,6 (3,8)	36,32	3,6 (3,5)	36,79	-0,094	0,925
Estratégias de resolução de conflitos não abusivos (próprio)	18,5 (3,8)	37,09	17,9 (4,2)	35,57	-0,303	0,762
Estratégias de resolução de conflitos não abusivos (outro)	15,6 (4,3)	36,51	15,9 (4,2)	36,48	-0,006	0,995

A tabela 17 mostra as pontuações médias das estratégias de resolução de conflito e das formas de violência utilizadas consoante a **escolaridade do pai**. Uma vez que os valores de prova foram superiores a 0,05 em todas as componentes das duas dimensões concluiu-se que a escolaridade do pai não influencia nem as estratégias de resolução de conflitos nem as formas de violência.

Tabela 17 - Estratégias de resolução de conflitos segundo a escolaridade do pai

	Escolaridade do pai						Teste de Kruskal-Wallis	
	Até 3º ciclo		Secundário		Superior		X ²	p-value
	M(DP)	OM	M(DP)	OM	M(DP)	OM		
Estratégias de resolução de conflitos abusivos (próprio)	14,4 (9)	34,1	13,3 (9,4)	31,3	15,5 (4,6)	38,7	0,746	0,689
Violência física (próprio)	2,8 (2,9)	34,8	2,5 (3,6)	31,2	2,9 (3,3)	34,9	0,439	0,803
Violência verbal (próprio)	8 (5)	34,9	6,9 (5)	30,0	8,3 (3,4)	36,6	0,860	0,650
Violência psicológica(próprio)-	3,7 (2,9)	36,4	2,5 (3,2)	27,3	3 (2,4)	33,2	2,523	0,283
Violência sexual (próprio)	1,5 (1,8)	35,3	1,9 (3,8)	29,6	1,6 (2,3)	35,2	1,121	0,571
Abuso relacional (próprio)	1,8 (2,7)	31,9	1,9 (2,4)	35,6	2,1 (1,5)	42,6	2,482	0,289
Estratégias de resolução de conflitos abusivos (outro)	19,8 (11,5)	36,7	14,1 (8,1)	26,5	17,5 (8,2)	33,2	3,065	0,216
Violência física (outro)	3,4 (3,8)	35,9	1,6 (2,1)	28,5	2,1 (2)	33,8	1,727	0,422
Violência verbal (outro)	9,5 (5,9)	36,4	7,1 (4,7)	27,8	8,3 (4,7)	32,4	2,279	0,320
Violência psicológica(outro)-	4,8 (3,6)	37,3	2,9 (2,7)	27,2	2,9 (2,1)	28,4	3,836	0,147
Violência sexual (outro)	2,7 (3)	35,9	1,6 (1,7)	29,5	1,6 (1,2)	31,7	1,390	0,499
Abuso relacional (outro)	4,4 (4,1)	35,4	2,3 (2,1)	28,5	3,8 (2,8)	36,3	1,568	0,457
Estratégias de resolução de conflitos não abusivos (próprio)	18,8 (3,9)	35,5	18,5 (3,1)	33,3	17,3 (4)	26,9	1,392	0,499
Estratégias de resolução de conflitos não abusivos (outro)	15,3 (4,2)	32,4	16,7 (3,9)	39,3	15,9 (4)	33,0	1,469	0,480

Tal como foi feito para a escolaridade do pai, a tabela 18 mostra as pontuações médias das estratégias de resolução de conflitos e formas de violência utilizadas pelos jovens segundo a **escolaridade da mãe**. Os valores de prova foram superiores a 0,05 o que mostra que tanto estratégias de resolução de conflitos como formas de violência são invariáveis para a escolaridade da mãe dos jovens.

Tabela 18 - Estratégias de resolução de conflitos segundo a escolaridade da mãe

	Escolaridade da mãe						Teste de Kruskal-Wallis	
	Até 3º ciclo		Secundário		Superior		X ²	p-value
	M(DP)	OM	M(DP)	OM	M(DP)	OM		
Estratégias de resolução de conflitos abusivos (próprio)	14,3 (9,4)	33,7	14,6 (6,8)	35,9	12,8 (8,8)	30,4	0,342	0,843
Violência física (próprio)	2,8 (2,9)	34,7	2,8 (3,4)	33,6	2,4 (4,3)	28,8	0,462	0,794
Violência verbal (próprio)	7,9 (5,2)	34,3	8,1 (3,7)	34,9	6,4 (5,2)	27,8	0,561	0,756
Violência psicológica(próprio)	3,7 (2,9)	36,2	2,6 (2,9)	28,9	3 (3,4)	31,0	1,899	0,387
Violência sexual (próprio)	1,5 (1,8)	35,1	1,7 (3,2)	31,6	2,4 (4,3)	32,3	0,495	0,781
Abuso relacional (próprio)	1,9 (2,7)	33,1	1,8 (1,9)	37,7	1,4 (2,6)	29,8	1,084	0,582
Estratégias de resolução de conflitos abusivos (outro)	19,2 (11,5)	35,4	17,3 (8,2)	33,5	13,2 (10)	22,9	1,878	0,391
Violência física (outro)	3,1 (3,5)	35,3	2,4 (3,3)	32,4	2 (3,1)	28,3	0,786	0,675
Violência verbal (outro)	9,3 (5,8)	35,4	8,8 (4,9)	34,2	5,2 (4,7)	20,5	2,653	0,265

Violência psicológica(outro)	4,5 (3,4)	36,1	3,2 (2,8)	29,5	3,8 (4,4)	30,3	1,652	0,438
Violência sexual (outro)	2,5 (2,6)	35,9	1,9 (2,8)	30,3	2 (2,8)	29,2	1,414	0,493
Abuso relacional (outro)	4,2 (4,1)	34,4	3,3 (2,4)	34,9	2,8 (3,8)	27,8	0,567	0,753
Estratégias de resolução de conflitos não abusivos (próprio)	18,6 (4)	34,6	18,4 (3,1)	32,5	18,2 (4,5)	33,8	0,140	0,932
Estratégias de resolução de conflitos não abusivos (outro)	15,4 (4,2)	33,0	15,9 (3,6)	34,1	17 (6)	42,7	1,129	0,569

No seguimento da análise do contexto em que os comportamentos de perpetração e vitimização de violência no namoro ocorrem, apresentamos na tabela 19 os resultados referentes ao **historial de algum tipo de violência conjugal na família**.

No que diz respeito à perpetração, observou-se que existe um efeito significativo do historial de violência conjugal na família sobre a frequência com que praticam comportamentos fisicamente violentos ($p=0.009$) e psicologicamente violentos ($p=0.03$).

Do mesmo modo, e referente à vitimização, verificou-se a existência de um efeito estatisticamente significativo do historial de violência conjugal na família sobre a frequência com que são alvo de praticam comportamentos fisicamente abusivos ($p=0.033$) e psicologicamente violentos ($p=0.015$).

Constatou-se que assistir à violência conjugal na família é um factor de risco tanto para perpetrar como ser alvo de comportamentos abusivos ou violentos, de carácter físico ou psicológico, numa relação de namoro.

Tabela 19 - Estratégias de resolução de conflitos segundo o historial de violência conjugal na família

	Existe ou já existiu algum tipo de violência conjugal na tua família?				Teste de Mann-Whitney	
	Não		Sim		Z	p-value
	M(DP)	OM	M(DP)	OM		
Estratégias de resolução de conflitos abusivos (próprio)	11,6 (6,4)	32,8	14,6 (9,7)	38,4	-1,064	0,287
Violência física (próprio)	1 (1,5)	27,8	3,4 (3,3)	40,9	-2,613	0,009
Violência verbal (próprio)	6,4 (3,4)	33,1	7,9 (5,5)	38,2	-0,964	0,335
Violência psicológica(próprio)	2 (2)	29,0	3,8 (3,2)	40,2	-2,164	0,030
Violência sexual (próprio)	0,8 (0,9)	32,8	1,9 (2,8)	38,4	-1,147	0,251
Abuso relacional (próprio)	1,2 (1,6)	33,0	2 (2,8)	38,2	-1,069	0,285
Estratégias de resolução de conflitos abusivos (outro)	14,2 (9,5)	31,0	18,6 (11,6)	39,3	-1,591	0,112
Violência física (outro)	1,4 (2,4)	29,4	3,3 (3,5)	40,1	-2,134	0,033
Violência verbal (outro)	7,1 (4,7)	33,3	8,9 (6,1)	38,1	-0,928	0,354
Violência psicológica(outro)	2,4 (2,5)	28,1	4,5 (3,5)	40,7	-2,425	0,015
Violência sexual (outro)	1,6 (2,6)	31,0	2,5 (2,6)	39,3	-1,617	0,106

Abuso relacional (outro)	2,5 (3,1)	30,9	4,1 (3,9)	39,3	-1,627	0,104
Estratégias de resolução de conflitos não abusivos (próprio)	18,5 (3,5)	36,0	18,2 (4,2)	36,8	-0,145	0,885
Estratégias de resolução de conflitos não abusivos (outro)	17 (2,8)	43,3	15,1 (4,6)	33,1	-1,955	0,051

A tabela 20 mostra a distribuição das estratégias de resolução de conflitos e formas de violência utilizadas conforme o **historial de vitimização de violência por parte de familiares**. Os resultados apontaram para significância estatística apenas na perpetração de violência verbal ($p=0.043$), e indicam que esta forma de comportamento é mais utilizada entre jovens que não sofreram violência familiar (OM=41.0) do que entre jovens que já foram alvo de violência familiar (OM=30.9).

Tabela 20 - Estratégias de resolução de conflito segundo o historial de vitima de violência na família

	Alguma vez foste vítima de algum tipo de violência por parte dos teus familiares?				Teste de Mann-Whitney	
	Não		Sim		Z	p-value
	M(DP)	OM	M(DP)	OM		
Estratégias de resolução de conflitos abusivos (próprio)	15,2 (8,5)	40,3	11,6 (8,9)	31,7	-1,742	0,082
Violência física (próprio)	2,7 (3,3)	36,5	2,5 (2,8)	36,5	-0,018	0,986
Violência verbal (próprio)	8,4 (4,6)	41,0	6,2 (5,2)	30,9	-2,029	0,043
Violência psicológica(próprio)	3,5 (3,1)	38,9	2,7 (2,8)	33,5	-1,101	0,271
Violência sexual (próprio)	1,8 (2,7)	38,1	1,2 (1,8)	34,5	-0,791	0,429
Abuso relacional (próprio)	2,1 (2,5)	39,8	1,4 (2,4)	32,4	-1,594	0,111
Estratégias de resolução de conflitos abusivos (outro)	15,8 (10,1)	34,0	18,8 (12,1)	39,6	-1,118	0,264
Violência física (outro)	2 (2,8)	33,3	3,4 (3,8)	40,5	-1,498	0,134
Violência verbal (outro)	7,8 (5,3)	35,1	8,9 (6,1)	38,3	-0,659	0,510
Violência psicológica(outro)	3,3 (3)	33,8	4,5 (3,7)	39,8	-1,216	0,224
Violência sexual (outro)	1,9 (2,4)	34,7	2,5 (2,9)	38,8	-0,860	0,390
Abuso relacional (outro)	3,1 (3,1)	34,6	4,2 (4,3)	38,8	-0,858	0,391
Estratégias de resolução de conflitos não abusivos (próprio)	18 (4,2)	34,7	18,7 (3,7)	38,7	-0,806	0,420
Estratégias de resolução de conflitos não abusivos (outro)	16,4 (3,8)	39,4	14,8 (4,6)	32,8	-1,337	0,181

Q4 - Qual a influência das variáveis de consumos aditivos na violência no namoro?

O estudo da influência das variáveis de consumos aditivos sobre a frequência com que os jovens utilizam estratégias abusivas e não abusivas de resolução de conflitos e as

formas de violência no namoro foi operacionalizado mediante o consumo de álcool e o consumo de drogas, tendo-se recorrido neste âmbito ao teste de Mann-Whitney.

No que diz respeito ao **consumo de álcool**, especificamente à perpetração, observou-se que o consumo de álcool está relacionado com a adoção de comportamentos violentos, sendo que a prática de violência física ($p=0.001$), verbal ($p=0.005$), psicológica ($p=0.016$) e relacional ($p=0.008$) é significativamente superior nos adolescentes que consomem álcool comparativamente aos que não o consomem (cf. Tabela 21).

Do mesmo modo, e referente à vitimização, verificou-se que o consumo de álcool está relacionado com a frequência com que são alvo de comportamentos violentos por parte do parceiro, sendo que a vitimização por violência física ($p=0.000$), verbal ($p=0.006$), psicológica ($p=0.002$) e relacional ($p=0.003$) é significativamente superior nos adolescentes que consomem álcool comparativamente aos que não o consomem.

A violência de natureza sexual foi o único tipo de comportamento abusivo, quer de perpetração como de vitimização, em que não houve diferenças conforme o consumo de álcool.

Tabela 21 - Estratégias de resolução de conflitos segundo o consumo de álcool

	Consumes álcool?				Teste de Mann-Whitney	
	Não		Sim		Z	p-value
	M(DP)	OM	M(DP)	OM		
Estratégias de resolução de conflitos abusivos (próprio)	11,5 (8,1)	30,6	17,3 (8,8)	44,8	-2,804	0,005
Violência física (próprio)	1,7 (2,6)	29,6	4,1 (3,1)	46,4	-3,461	0,001
Violência verbal (próprio)	6,2 (4,5)	30,6	9,6 (4,8)	44,8	-2,809	0,005
Violência psicológica(próprio)	2,5 (2,6)	31,4	4,3 (3,2)	43,5	-2,420	0,016
Violência sexual (próprio)	1,3 (2,3)	32,7	2 (2,4)	41,4	-1,844	0,065
Abuso relacional (próprio)	1,2 (2,2)	31,3	2,7 (2,6)	43,7	-2,641	0,008
Estratégias de resolução de conflitos abusivos (outro)	14,3 (10,3)	30,5	22,1 (10,8)	44,9	-2,864	0,004
Violência física (outro)	1,5 (2,6)	29,1	4,5 (3,7)	47,2	-3,737	0,000
Violência verbal (outro)	7 (5,2)	30,7	10,7 (5,7)	44,6	-2,766	0,006
Violência psicológica(outro)	2,8 (2,8)	30,1	5,5 (3,7)	45,7	-3,121	0,002
Violência sexual (outro)	2 (2,6)	34,1	2,5 (2,8)	39,1	-1,007	0,314
Abuso relacional (outro)	2,6 (3,3)	30,4	5,3 (3,8)	45,1	-2,947	0,003
Estratégias de resolução de conflitos não abusivos (próprio)	18 (3,8)	33,5	19 (4)	40,0	-1,304	0,192
Estratégias de resolução de conflitos não abusivos (outro)	15,9 (3,9)	36,6	15,5 (4,7)	34,9	-0,339	0,735

Como já referido na estatística descritiva, o **consumo de drogas** é assumido por 41,7% dos jovens da amostra, tendo-se observado que tem efeito especificamente na perpetração de comportamentos violentos de índole física ($p=0.031$) e relacional ($p=0.033$).

Quanto à vitimização, verificou-se que o consumo de drogas está relacionado com a frequência com que são alvo de comportamentos violentos por parte do parceiro, sendo que a vitimização por violência física ($p=0.000$), verbal ($p=0.002$), psicológica ($p=0.012$) e relacional ($p=0.003$) é significativamente superior nos adolescentes que consomem drogas comparativamente aos que não as consomem.

Tabela 22 - Estratégias de resolução de conflitos segundo o consumo de drogas

	Consomes drogas?				Teste de Mann-Whitney	
	Não		Sim		Z	p-value
	M(DP)	OM	M(DP)	OM		
Estratégias de resolução de conflitos abusivos (próprio)	11,6 (8,5)	31,8	16,3 (8,7)	43,0	-2,241	0,025
Violência física (próprio)	2,1 (3,1)	32,2	3,3 (2,9)	42,5	-2,153	0,031
Violência verbal (próprio)	6,5 (4,8)	33,2	8,5 (5)	41,1	-1,592	0,111
Violência psicológica(próprio)	2,9 (3)	34,5	3,5 (2,9)	39,4	-0,988	0,323
Violência sexual (próprio)	1,4 (2,6)	34,3	1,7 (2,1)	39,6	-1,152	0,249
Abuso relacional (próprio)	1,2 (2,1)	32,4	2,5 (2,7)	42,3	-2,136	0,033
Estratégias de resolução de conflitos abusivos (outro)	13,5 (9,7)	29,6	22,3 (11)	46,1	-3,293	0,001
Violência física (outro)	1,5 (2,6)	29,3	4,2 (3,6)	46,6	-3,597	0,000
Violência verbal (outro)	6,6 (5,2)	30,2	10,6 (5,6)	45,4	-3,039	0,002
Violência psicológica(outro)	3 (3)	31,3	5,1 (3,6)	43,8	-2,526	0,012
Violência sexual (outro)	1,8 (2,4)	33,1	2,8 (2,9)	41,2	-1,651	0,099
Abuso relacional (outro)	2,4 (2,8)	30,4	5,3 (4,1)	45,1	-2,979	0,003
Estratégias de resolução de conflitos não abusivos (próprio)	18 (4,1)	34,8	18,7 (3,7)	38,8	-0,801	0,423
Estratégias de resolução de conflitos não abusivos (outro)	16,1 (4,2)	38,4	15,2 (4,2)	33,8	-0,935	0,350

Complementarmente às questões de investigação até aqui exploradas, optamos por analisar o efeito de outras duas variáveis já contempladas no instrumento de colheita de dados: idade de início de namoro e a pessoa a que se refere nas respostas ao questionário.

Com efeito, a tabela 23 mostra o efeito da **idade do namoro** sobre as estratégias de resolução de conflito e formas de violência no namoro. Os resultados dos testes de Mann-Whitney mostram que existem diferenças significativas apenas na perpetração de violência física ($p=0,0031$), sendo mais comum nos adolescentes que começaram a namorar mais cedo (≤ 13 anos).

Tabela 23 - Estratégias de resolução de conflitos segundo a idade de início do namoro

	Idade início do namoro				Teste de Mann-Whitney	
	<=13 anos		>= 14 anos		Z	p-value
	M(DP)	OM	M(DP)	OM		
Estratégias de resolução de conflitos abusivos (próprio)	15,1 (9,5)	39,5	12,1 (7,9)	33,5	-1,229	0,219
Violência física (próprio)	3,6 (3,6)	41,6	1,6 (2)	31,4	-2,152	0,031
Violência verbal (próprio)	8,2 (5,4)	39,2	6,6 (4,4)	33,8	-1,090	0,276
Violência psicológica(próprio)-	3,4 (3,3)	37,4	2,9 (2,6)	35,6	-0,388	0,698
Violência sexual (próprio)	1,9 (3)	37,3	1,1 (1,5)	35,7	-0,351	0,726
Abuso relacional (próprio)	2 (2,7)	37,3	1,5 (2,2)	35,7	-0,364	0,716
Estratégias de resolução de conflitos abusivos (outro)	16 (11)	34,0	18,4 (11,2)	39,0	-1,015	0,310
Violência física (outro)	2,7 (3,6)	35,7	2,6 (3,1)	37,3	-0,359	0,720
Violência verbal (outro)	7,6 (6)	34,1	8,9 (5,3)	38,9	-0,976	0,329
Violência psicológica(outro)-	3,8 (3,6)	35,6	3,9 (3,2)	37,4	-0,357	0,721
Violência sexual (outro)	2 (2,6)	34,7	2,4 (2,7)	38,3	-0,733	0,463
Abuso relacional (outro)	3,2 (3,6)	34,4	4 (3,9)	38,6	-0,882	0,378
Estratégias de resolução de conflitos não abusivos (próprio)	18,1 (3,8)	35,3	18,4 (4,2)	37,7	-0,472	0,637
Estratégias de resolução de conflitos não abusivos (outro)	15,8 (4,1)	37,2	15,6 (4,3)	35,8	-0,271	0,786

Na tentativa de averiguar se os adolescentes mantêm atualmente uma relação em que predomina algum tipo de violência, expomos na tabela 24 o efeito da **pessoa a que se refere o inquérito** sobre as estratégias de resolução de conflito e formas de violência no namoro. Os resultados dos testes de Kruskal-Wallis mostraram que não há diferenças significativas na percepção das estratégias de resolução de conflitos ou de formas de violência consoante as respostas se refiram a um namorado actual ou a um ex-namorado(a) recente ou com mais de um ano (p-value superiores a 0,05).

Tabela 24 - Estratégias de resolução de conflito segundo a pessoa a que se refere o inquérito

	Assinala a pessoa em que estás a pensar quando respondes às questões?						Teste de Kruskal-Wallis	
	O meu (minha) namorado(a) atualmen-te		Num (a) ex-namorado(a) do último ano		Num (a) ex-namorado(a) há mais de um ano		X ²	p-value
	M(DP)	OM	M(DP)	OM	M(DP)	OM		
Estratégias de resolução de conflitos abusivos (próprio)	12,5 (7,1)	34,9	14,9 (10,4)	38,6	12,9 (8,6)	35,0	0,531	0,767
Violência física (próprio)	2 (2,2)	34,3	3 (3,5)	37,1	3,4 (3,7)	41,6	1,063	0,588
Violência verbal (próprio)	6,9 (4,3)	34,9	8,1 (5,7)	38,7	6,8 (4,6)	34,7	0,593	0,743
Violência psicológica(próprio)	2,6 (2,5)	33,3	3,8 (3,2)	40,5	3 (3,3)	34,0	2,062	0,357

Abuso relacional (próprio)	1,2 (1,7)	33,7	2,2 (3)	38,3	2 (2,6)	39,6	1,248	0,536
Estratégias de resolução de conflitos abusivos (outro)	15,2 (10,2)	33,6	19,4 (12,1)	38,3	16,3 (10,1)	40,0	1,861	0,394
Violência física (outro)	2 (2,5)	33,0	3,3 (3,9)	40,2	2,6 (3,7)	35,9	0,892	0,640
Violência verbal (outro)	7,4 (5,1)	34,1	9,4 (6,3)	38,9	7,7 (5,3)	36,5	1,611	0,447
Violência psicológica(outro)-	2,9 (2,8)	33,5	4,6 (3,5)	40,0	4,3 (4,1)	35,0	3,383	0,184
Violência sexual (próprio)	0,9 (1,2)	31,4	1,8 (2,7)	41,0	2,4 (3,5)	38,5	1,125	0,570
Violência sexual (outro)	2 (2,5)	35,0	2,1 (2,5)	36,8	2,9 (3,6)	40,1	0,470	0,790
Abuso relacional (outro)	2,8 (3,5)	32,0	4,4 (4)	40,5	3,4 (3,3)	38,1	2,663	0,264
Estratégias de resolução de conflitos não abusivos (próprio)	18,3 (4,5)	37,8	18,5 (3,6)	37,2	17,6 (3,6)	30,2	1,087	0,581
Estratégias de resolução de conflitos não abusivos (outro)	16,5 (4,4)	40,2	14,8 (4,4)	32,7	16,2 (2,3)	36,8	2,042	0,360

3. Discussão dos Resultados

Após revisão sobre o estado do conhecimento empírico no que se refere às variáveis deste estudo, metodologia utilizada na recolha de dados e explanação dos resultados, procede-se a uma análise dos resultados obtidos para o conhecimento da temática proposta. Assim, enfatizam-se os dados mais expressivos, interpretando-os à luz da fundamentação teórica efetuada, questões de investigação e objetivos formulados para este trabalho.

Os resultados apurados permitiram traçar um perfil sociodemográfico da amostra de 72 adolescentes da Região Autónoma da Madeira, sendo na sua maioria constituída por raparigas (65.3%). A idade média dos adolescentes é de 15.72 anos ($Dp=1.386$). Verificou-se um claro predomínio de adolescentes que provêm de zona rural (66.7%). Constatou-se que a maioria dos adolescentes (62.05%) vive numa família nuclear/alargada. Sobressaem os adolescentes cujos pais vivem com companheiro(a) e adolescentes cujos pais possuem o 3º Ciclo do Ensino Básico.

Retomando as nossas questões de investigação e com base no estudo empirico desenvolvido assentará, essencialmente, numa reflexão que se pretende critica, sobre a discussão dos resultados, comparando-os com o que os investigadores aferem sobre a violência no namoro nos adolescentes.

Q 1- Qual a prevalência da violência no namoro nos adolescentes?

De uma forma geral, 94,4% dos adolescentes utilizaram, pelo menos 1 a 2 vezes no relacionamento amoroso, alguma forma de comportamento violento (estratégias de resolução de conflito abusivas), sendo que apenas 5.6% dos adolescentes não recorreu a este tipo de estratégias. Estes dados vão ao encontro do estudo de Cristovão (2012) que, numa amostra de 629 estudantes do ensino secundário de escolas de Lisboa, verificou que apenas 4,2% dos jovens não manifestaram comportamentos abusivos nas suas relações.

Ainda relativamente às estratégias de resolução de conflito utilizadas, realça-se que ainda que a maioria dos adolescentes recorra a estratégias abusivas, também a totalidade dos adolescentes em algum momento procurou a resolução da disputa sem recurso a comportamentos agressivos ou violentos (estratégias de resolução de conflitos não abusivas). Este último dado encontra suporte também nos estudos de Doroteia (2013) e Gonçalves (2013).

No que concerne aos resultados obtidos no presente estudo sobre a perpetração da violência no namoro, evidenciou-se que os adolescentes recorreram a 90.3% de

comportamentos de violência verbal, 75.0% psicológica e 56.9% dos participantes referiram ter praticado comportamentos fisicamente violentos. De forma menos evidente, 50% afirmou ter praticado comportamentos sexualmente violentos e 48.6% abuso relacional.

Referente à vitimização a que os participantes se encontram sujeitos numa relação de namoro, verificou-se que 95.8% mencionaram ser vitimizados através de comportamentos abusivos verbais, seguidamente 80.6% referiram sofrer de violência psicológica e 69.4% de abuso relacional. Com menos prevalência, mas igualmente preocupante, os adolescentes referiram ter sido alvo de comportamentos de violência sexual (66.7%) e fisicamente violentos (56.9%).

Em síntese, podemos afirmar que a violência do outro se sobrepõem à violência do próprio, o que denota maior vitimização dos adolescentes. Este facto pode estar relacionado com o facto do estudo ser realizado em adolescentes e tal como identificado por Matos (2016) a falta de experiência relacional, associada à necessidade de emancipação e de independência dos jovens, por vezes não facilitam o reconhecimento de uma condição de vitimação, nem tão-pouco a identificação de eventuais recursos para a gerir e obter o contacto de outros adultos ou pares.

Os valores de prevalência supracitados, vão ao encontro dos resultados evidenciados noutras investigações desenvolvidas revelando que um número significativo de jovens estão envolvidos numa relação amorosa violenta (e.g. Caridade et al., 2007; Caridade e Machado 2012; Machado et al., 2003; Paiva & Figueiredo, 2004; Veríssimo et al., 2013; Vieira, 2013).

Q2 - Que variáveis sociodemográficas se relacionam com a violência no namoro?

Relativamente às variáveis sociodemográficas analisadas neste estudo (idade, sexo, residência e coabitação) conclui-se que a idade dos adolescentes não apresenta qualquer efeito sobre as estratégias de resolução de conflito ou sobre as formas de violência utilizadas. Estes resultados comprovam as evidências alcançadas pelo estudo de Moura (2012) onde também não se observaram diferenças significativas no que concerne à idade e existência de violência. No entanto, outros estudos (e.g. Lucas, 2002) constataram que os adolescentes na faixa etária dos 15-17 anos demonstraram ser mais agressivos. Como explicação dos resultados da nossa amostra teorizamos que poderá estar relacionado com o facto da amostra ser pouco heterogénea refletindo-se numa homogeneização das respostas dos participantes. Não obstante este resultado, averiguamos noutra análise que os adolescentes que haviam começado a namorar mais cedo (com idade igual ou inferior a 13

anos) mostraram-se mais violentos fisicamente. Com efeito, argumentamos que a tenra idade faz-se acompanhar também da falta ou inadequada competência dos adolescentes ao resolverem os conflitos amorosos.

Verificamos diferenças de género estatisticamente significativas na perpetração de violência sexual, psicológica e relacional observando-se valores superiores para o sexo masculino.

Estes resultados, em parte, corroboram os encontrados por Lopes (2014) e Freitas (2015), segundo os quais o sexo foi uma variável que interferiu na violência no namoro, tendo-se os rapazes revelado mais violentos na relação de namoro, destacando-se em todos os tipos de violência. Lopes (2014) registou diferenças estatisticamente significativas em todos os tipos de violência quer para os rapazes, quer para as raparigas, o que não aconteceu no presente estudo, uma vez que as diferenças estatisticamente significativas encontradas foram apenas na perpetração de violência sexual, violência psicológica e abuso relacional. Tendo em conta a revisão da literatura realizada, os resultados obtidos neste estudo eram teoricamente esperados. Estes resultados poderão significar que, como preconizam Saavedra e Machado (2012), apesar de a violência no namoro ser perpetrada maioritariamente pelos rapazes, há cada vez mais casos de raparigas também perpetradoras de diferentes formas de violência. Esta premissa também acarreta consigo, segundo Machado et al. (2009) e Matos et al. (2006), a ideia preconcebida de que os rapazes ainda são educados para serem mais fortes, emocionalmente pouco expressivos, competitivos e dominadores face às suas parceiras, juntando-se a crença generalizada do homem como agressor e a mulher como vítima. Peixoto, Matos e Machado (2013) referem que a variável sexo encerra também a diferença de critérios de definição de agressividade e de comportamentos violentos bem como diferentes interpretações de itens específicos relativos a determinadas formas de violência, ou seja, diferenças na representação da violência do que referente aos próprios comportamentos abusivos poderão contribuir para a compreensão do relato de valores superiores no género masculino.

A zona de residência interferiu na utilização de estratégias não abusivas para a resolução de conflitos sendo usada sobretudo entre jovens do meio urbano. Estes resultados diferem dos de Lopes (2014), são os adolescentes que residem no meio rural que utilizam as estratégias não abusivas. Estes resultados contraditórios evidenciam que não será necessariamente o meio envolvente que define à partida a menor ou maior expressão de comportamentos violentos, mas provavelmente os contextos de socialização que os caracterizam, quer sejam mais predominantemente agressivos ou positivos em que alternativas não violentas são mais estimuladas e reforçadas.

Em relação à variável coabitação verificou-se que os jovens institucionalizados são os que utilizam com menos frequência as estratégias abusivas de resolução dos conflitos, apresentam menor perpetuação de violência verbal e psicológica e no que concerne à vitimização são os que apresentam menores frequências em relação a todos os tipos de violência, seguindo-se os que vivem com a família nuclear/alargada e por último os que vivem com familiares. Estes dados não são frequentemente relatados na bibliografia sendo que no estudo realizado por Fonseca (2015) que pretendia comparar o fenómeno da violência em adolescentes institucionalizados e não institucionalizados não se verificou diferenças entre os grupos. Consideramos que o facto dos jovens desta amostra apresentarem-se menos perpetradores de violência pode dever-se ao facto de estes já estarem afastados do contexto familiar a algum tempo sendo que o ambiente em que vivem em instituições possa não ser marcado por violência no seu dia a dia e estejam rodeado de profissionais que os acompanham potenciando os seus fatores de proteção para fenómeno. Neste sentido, Fonseca (2015) defende que a sociedade considera muitas vezes, erroneamente, que estes adolescentes são, eles próprios, os culpados da sua institucionalização, talvez numa tentativa de evitar visualizar a realidade: de que a “culpa” poderá ser da violência estrutural da sociedade onde os jovens se encontram inseridos ou da negligência ou maus-tratos praticados pelas suas famílias.

Q3. Qual a influência das variáveis de contexto familiar e variáveis contextuais a maus tratos na violência no namoro?

No que concerne às habilitações literárias dos pais não foi identificado efeito destas variáveis sobre as estratégias de resolução de conflito e formas de violência utilizadas pelos jovens em estudo. Estes resultados são um pouco inesperados uma vez que havíamos encontrado evidência na literatura (e.g. Lopes, 2014) que apontou que os estudantes, cujos pais têm habilitações literárias até ao 1º Ciclo do Ensino Básico, apresentam valores de ordenação média mais elevados em todos os tipos de violência, destacando-se a violência psicológica feminina, contrariamente aos pais que têm habilitações literárias ao nível superior que revelam valores médios inferiores, na generalidade, onde se destacam a violência sexual masculina e a violência física feminina. Estes factos, levam-nos a refletir sobre o estigma relativamente ao nível de escolaridade, associado muitas vezes a padrões de comportamentos mais disfuncionais, potencialmente mais violentos onde não se promove um pensamento crítico quanto aos papéis de género por exemplo e onde as habilidades de comunicação, a forma de lidar com as emoções e as competências de resolução de problemas são menos trabalhadas pelos progenitores. Assim, faz-nos crer e consciencializar

que a violência no namoro e na família não é exclusiva de classes menos favorecidas e com níveis de formação inferiores.

Em relação às variáveis contextuais a maus tratos sobre a violência no namoro (historial de violência conjugal na família, vítima de violência na família por parte dos familiares) observaram-se relações positivas e estatisticamente significativas.

Quanto ao historial de violência conjugal na família conclui-se que assistir à violência conjugal na família é um factor de risco para a perpetração e vitimização da violência física e psicológica. Estas evidências empíricas vão ao encontro de outras investigações que encontraram que a exposição à violência interparental é um fator preditor e de risco para a violência no namoro (Caridade e Machado, 2013; Saavedra et al., 2011). Com efeito, a exposição à violência interparental promove a aceitação deste tipo de comportamento aumentando a probabilidade de recurso à violência nas relações amorosas futuras. Além disso, alguns autores reiteram que os indivíduos que testemunharam ou foram alvo de violência em contexto familiar, revelam maior probabilidade de recorrerem a comportamentos no futuro, através da aprendizagem de que a violência pode ser funcional, uma vez que expressa a insatisfação, resolve problemas, e permite controlar outros indivíduos (Oliveira, 2009). Por fim, de salientar também a preocupação com este resultado pelo carácter cíclico que estes mecanismos podem envolver, já que a exposição à violência conjugal, pode ser um fator preditor de violência no namoro que, por sua vez, poderá ser um comportamento preditor de violência doméstica em fase adulta (Saavedra et al., 2011)

Quanto ao historial de vitimização de violência por parte de familiares, os resultados indicam que a perpetração de violência verbal é significativamente mais utilizada entre jovens que não sofreram violência familiar do que entre jovens que já foram alvo de violência familiar. Este é um resultado interessante na medida em que, apesar de não ir de encontro à teorização de que a vivência de violência no contexto familiar se associa a um maior nível de violência no namoro, reafirma: I) o carácter multifacetado da violência no namoro; II) a interferência das competências individuais de cada adolescente, das suas capacidades cognitivas e emocionais, da sua capacidade de empowerment bem como da envolvente extra familiar (grupos de pares, equipas de saúde disponíveis) que podem funcionar como catalisadores da violência ou como fatores de protecção da mesma.

Q4. Qual a influência das variáveis de consumos aditivos na violência no namoro?

No que diz respeito ao consumo de substâncias aditivas (álcool e drogas), os resultados apontaram que tanto a prática de violência física, verbal, psicológica e relacional

como a vitimização apresentam níveis significativamente superiores nos adolescentes que consomem estas substâncias comparativamente aos que não as consomem. Atendendo a estes resultados e no mesmo sentido apontado pela literatura, considera-se que o consumo de substâncias aditivas é um factor de risco para a violência no namoro (Couto, 2013; Saavedra e Machado, 2012). Neste contexto, faz-se alusão a um estudo pioneiro realizado com adolescentes de ambos os sexos o qual demonstrou a importância de se trabalhar com adolescentes, sobretudo rapazes, que manifestem problemas de externalização, consumo de drogas e história de agressão a parceiros anteriores (Chase, Treboux & O'leary, 2002, cit. por Caridade, Machado & Vaz, 2007). Concomitantemente, Buzy e colaboradores (2004, cit. por Caridade, 2011) desenvolveram um estudo longitudinal onde concluíram que o consumo de álcool e drogas pelos adolescentes aumenta o risco quer de perpetração de violência no namoro, quer de vitimação.

Conclusão

A violência no namoro é um grave problema de saúde pública que pode ter consequências negativas a nível da saúde dos adolescentes e que constitui uma violação dos direitos humanos.

O presente estudo procurou contribuir para a compreensão do fenómeno da violência no namoro dos adolescentes, visando-se conhecer a prevalência da violência bem como identificar a relação deste fenómeno com algumas variáveis do contexto sociodemográfico, familiar, contextuais a maus tratos e de consumos aditivos.

Assim, procurou-se responder às seguintes questões de investigação:

1. Qual a prevalência da violência no namoro nos adolescentes?
2. Que variáveis sociodemográficas se relacionam com a violência no namoro?
3. Qual a influência das variáveis de contexto familiar e variáveis contextuais a maus tratos na violência no namoro?
4. Qual a influência das variáveis de consumos aditivos na violência no namoro?

Especificamente, este estudo tinha como objetivos:

1. Determinar a prevalência da violência no namoro
2. Identificar as variáveis sociodemográficas que se relacionam com a violência no namoro
3. Analisar o efeito das variáveis de contexto familiar e variáveis contextuais a maus tratos sobre a violência no namoro
4. Analisar o efeito das variáveis de consumos aditivos sobre a violência no namoro

A investigação desenvolvida contou com a participação de 72 adolescentes com idades compreendidas entre 13 -17 anos de ambos os sexos, sendo observado na nossa amostra uma elevada prevalência de estratégias de resolução de conflitos abusivos com (94%).

No que concerne à primeira questão, o tipo de violência mais frequentemente identificado foi a violência verbal, tanto na dimensão perpretação (90,3%) como na dimensão da vitimização (95,8%), sendo secundada pela violência psicológica que também assumiu dados significativos tanto na dimensão própria (75%) como na dimensão do outro (80,6%).

Relativamente à segunda questão que procurou analisar a relação entre as variáveis sociodemográficas e a violência, concluímos que foram identificadas diferenças de sexo,

sendo que, os rapazes apresentam níveis mais elevados de violência sexual, abuso relacional e violência psicológica como perpetradores. Constatamos ainda que os jovens do meio urbano utilizam mais estratégias não abusivas para a resolução de conflitos e que os jovens institucionalizados são os que utilizam com menos frequência as estratégias abusivas e apresentam menor perpetuação de violência verbal e psicológica e menor vitimização em relação a todos os tipos de violência, seguindo-se os que vivem com a família nuclear/alargada e por último os que vivem com familiares.

Quanto à questão três, que visou conhecer o efeito das variáveis de contexto familiar (que não revelaram efeito estatisticamente significativo) e das variáveis contextuais a maus tratos na violência, conclui-se, que assistir à violência conjugal na família é um factor de risco de perpetração e vitimização da violência física e psicológica.

Por sua vez, e dando resposta à última questão de investigação, que pretendia analisar a influência de consumos aditivos na violência, inferimos, que nos inquiridos que consomem álcool ou drogas aumentam de forma significativa a violência física, o abuso relacional e a violência verbal na dimensão de vitimização.

Face aos resultados obtidos e aqui referidos consideramos ter atingido os nossos objectivos e simultaneamente ter dado resposta às questões de investigação formuladas, sendo que, este estudo contribuiu para a melhor compreensão do fenómeno da violência no namoro na adolescência e para a produção de evidência que possibilite atitudes preventivas fundamentais, numa área onde a presença social do tema em Portugal não se acompanha de estudos empíricos sólidos e de referência. Neste sentido pensa-se que não pode haver intervenções educativas isoladas/pontuais, as quais poderão, inclusive, estar na origem na forma como os adolescentes encaram o namoro, desprovidos de conhecimentos pouco consistentes, pelo que se sugere uma implementação de estratégias e intervenções de parcerias entre a família, a escola e os profissionais de saúde, como vertentes que têm de estar presentes no quotidiano dos adolescentes, sendo fundamental para o êxito de adolescentes porquanto só, deste modo, os adolescentes podem ter uma atitude mais favorável face ao namoro.

No que concerne às limitações do estudo, este também comporta e convém referir a razão pela qual os seus resultados devem ser olhados de modo prudente. Tratando-se de um estudo quantitativo, enquadrado no tipo de investigação não experimental, possuindo as características dos estudos descritivos correlacionais e explicativos, com enfoque transversal, surgiu uma limitação, que se prende com o facto de um estudo do tipo transversal não permitir o estabelecimento de relações causais, apresentando dificuldade para investigar condições de baixa prevalência, o que implicaria o estudo de uma amostra

relativamente grande. Além disso, destaca-se também como limitação deste tipo de estudos o facto de trabalharem com casos prevalentes do desfecho e a colheita de dados sobre a exposição e o desfecho num único momento no tempo. Outra limitação tem a ver com o facto de se ter recorrido a uma amostragem não probabilística por conveniência, que traduz viés em relação à população total, todavia, os resultados obtidos podem ser uma boa imagem do universo estudado, na medida em que os resultados de uma investigação baseada numa amostragem não probabilística não permitem generalizações no que respeita à população em estudo, já as inferências realizadas a partir dos resultados de uma amostragem probabilística podem ser feitas inteiramente por métodos estatísticos, não assumindo critérios em relação à distribuição das características na população (Fortin, 2009). Por outro lado, a generalização dos resultados, no caso concreto, também não podem ser feitas atendendo ao tamanho da amostra (N=72), sugerindo-se, desta forma, a continuidade deste estudo com uma amostra mais dilatada.

Em investigações futuras seria também pertinente, na nossa opinião, procurar compreender o papel que outras variáveis, não contempladas no âmbito da presente investigação, exercem na violência no namoro na adolescência.

Por fim, este trabalho, para além de ter sido um grande contributo para o crescimento pessoal, assume-se como uma mais-valia profissional, servindo de apoio para a criação de um projeto de intervenção com estratégias de atuação na área da violência no namoro nos adolescentes admitidos na unidade de Pedopsiquiatria. Apesar de considerarmos que estes programas devem ser mais privilegiados a nível escolar assume-se que o internamento pode ser uma oportunidade de intervenção do Enfermeiro junto dos jovens, aos três níveis de prevenção, fomentando uma vivência salutar não só a nível físico, como psíquico e, por conseguinte, promovendo a saúde individual e coletiva dos adolescentes.

Referências bibliográficas:

Aguinha, R. (2013). *APTUS – Programa de Prevenção da Violência nas Relações de Intimidade Juvenil: da implementação à avaliação* (Dissertação de mestrado, Escola de ciências sociais e humanas, Instituto Universitário de Lisboa). Acedido em <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/7650>

Alferes, V. (1997). *Investigação científica em psicologia: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.

Alligood, M. R., & Tomey, A. M. (2011). *Modelos y teorías en enfermería* (7 ed.). Barcelona: Elsevier Mosby.

Antunes, A. & Machado, C. (2012). Violência nas relações íntimas ocasionais de uma amostra estudantil. *Análise Psicológica*, XXX (1-2): 93-107. Acedido em <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/3408>

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima - APAV (2014). *Recortes de Imprensa*. Acedido em: http://apav.pt/apav_v2/images/pdf/Clipping_Janeiro_2014.pdf.

Ávila, A. C. C. (2013). *Violência entre Parceiros Íntimos: análise da relação com o consumo de drogas e álcool numa amostra de estudantes do ensino superior* (Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação: Universidade de Coimbra. Acedido em <https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/24851/1/Tese%20Versão%20final%20ana%20avila%20%281%29.pdf>

Black, M., & Weiz, N. (2003). Dating violence. Help-seeking behaviours of African American middle schoolers. *Violence Against Women*, 9(2), 187-206.

Bryman, A. & Cramer, D. (2003). *Análise dos dados em ciências sociais: Introdução às técnicas utilizando o SPSS*. Oeiras: Celta

Caldeira, S. (2012). *As relações de namoro na adolescência. Comunicação oral apresentada no Congresso Internacional Adolescência. Desafios e Riscos*. Universidade dos Açores: Ponta Delgada.

Callahan, M.R., Tolman, R.M., & Saunders, D.G. (2003). Adolescent dating violence victimization and psychological well-being. *Journal of Adolescent Research*, v. 18:

Caridade, S. & Machado, C.(2012). Violência na intimidade juvenil: prevalência, factores de risco e atitudes. In C. Machado, (Ed.). *Novas formas de vitimação criminal*. Braga: Psiquilibrios.

Caridade, S. (2011). *Vivências íntimas violentas. Uma abordagem científica*. Coimbra: Almedina.

Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 4(XXIV), 485-493. 664-681.

Caridade, S.; Machado, C. & Vaz, F. (2007). Violência no namoro: Estudo exploratório com jovens estudantes. *Psychologica*, 46, 197-214.

Caridade, S.; Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de intimidade: uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia*, 47.

Carvalho, T. (2016, Novembro, 27). Violência no namoro. RTP Madeira. Disponível em http://www.rtp.pt/madeira/sociedade/13-dos-jovens-admitem-violencia-no-namoro_6370

Cleveland, H. H., Herrera, V. M. & Stuewing, J. (2003). Abusive males and abused females in adolescent relationships: risk factor similarity and dissimilarity and the role of relationship seriousness. *Journal of Family Violence*, 18, 325-339.

Coelho, C., & Machado, C. (2010). Violência Entre Jovens: Prevenção Através da Educação por Pares. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, 3368-3382.

Costa, C. B. (2014). *Que Representações Sociais da violência entre parceiros íntimos tem os estudantes de Enfermagem, Medicina e Serviço Social? O papel da formação* (Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação - Universidade de Coimbra). Acedido em <https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/27801/1/TESE%20-%20Cristiana%20Costa.pdf>

Couto, J. M. (2013). *Crenças, Distorções Cognitivas e Violência em Relações de Namoro* (Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz). Acedido em <http://comum.rcaap.pt/handle/123456789/6245>

Cristóvão, C. M. (2012). *Quanto mais me bates mais gosto de ti: um estudo exploratório sobre a violência no namoro*. Dissertação de Mestrado apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica disponível em Repositório do ISPA: <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2310/1/15268.pdf>

Direção Geral de Saúde (2014). *Violência Interpessoal - Abordagem, Diagnóstico e Intervenção nos Serviços de Saúde*. Lisboa: DGS. Acedido em <https://www.dgs.pt/documentos-e-publicacoes/violencia-interpessoal-abordagem-diagnostico-e-intervencao-nos-servicos-de-saude.aspx>

Dixe, M.; Rodrigues, A.; Freire, C.; Rodrigues, G.; Fernandes, M. & Dias, T. (2010) *A Violência de Género na Relação de Namoro em Estudantes do Ensino Superior: Práticas e Comportamentos de Violência*. Leiria: Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico de Leiria.

Doroteia, J. M. (2013). *Violência no Namoro: Atitudes Legitimadoras e Exposição ao Conflito Interparental* (Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz). Acedido em <http://comum.rcaap.pt/handle/123456789/6236>-

Duarte, A., & Lima, M. (2006). Prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro de jovens estudantes portugueses. *Psychologica*, 43: 105-124.

Duarte, M. N. (2011). *Violência no namoro: Campanha gráfica de sensibilização no âmbito do espaço escolar* (Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitectura: Universidade Técnica de Lisboa). Acedido em <http://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/4711>

Fabião, J.; Sá, M.; Veríssimo, C. & Felizardo, H. (2011). Conhecimento dos jovens do ensino superior sobre violência nas relações de namoro. *Revista Referência*, III série.

Félix, D. (2012). *Crenças de legitimação da violência de género e efeitos de campanhas de prevenção: um estudo exploratório* (Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa). Acedido em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/6891>

Ferreira, J. P. (2013). *Stalking como forma de Violência nas Relações de Namoro* (Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz). Acedido em <http://comum.rcaap.pt/handle/123456789/6243>

Flanagan, A. (2003). *Teen dating violence*. Retirado de <http://www.nursinceu.com/NCEU/courses/dating/>

Fonseca, C(2015). *Violência no namoro e atitudes associadas: estudo comparativo entre adolescentes institucionalizados e adolescentes não institucionalizados*. . Dissertação de Mestrado: Universidade de Coimbra. Faculdade de ciências da educação Acedido em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/31902/1/TESE%20MIP%20-%20Cindy%20Fonseca.pdf>

Fortin, M.; Côte, J.; Fillion, F. (2009). Fundamentos e etapas do processo de investigação. Loures: Lusodidata.

Freitas, C.P.F. (2015). *A submissão associada à violência no namoro um contributo para a promoção de competências sociais e emocionais*. Dissertação de Mestrado. Universidade DOS Açores Departamento de Ciências da Educação. Acedido em:

<https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/3517/1/DissertMestradoCarminaPatriciaFloresFreitas2015.pdf>

Gómez, A. H. (2007). La prevención de la violencia de género en adolescentes. Una experiencia en el ámbito educativo. *Apuntes de Psicología*, 25, 325-340.

Gonçalves, M. (2013). *Namoro na adolescência: atitudes de legitimação de violência e estratégias de resolução de conflitos em adolescente nos Açores*. Dissertação de Mestrado. Universidade dos Açores

Guerreiro et al (2013). *Intimidade e violência no namoro: refletir a problemática nos/as jovens*. Cescontexto. Disponível em <http://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/78885/2/115603.pdf>

Guerreiro, Pontedeira, C., Sousa, R., Magalhães, M. J., Oliveira, M., & Ribeiro, P. (2015). Intimidade e violência no namoro: refletir a problemática nos/as Jovens. Em S. Portugal, & A. R. Matos (Ed.), *@s jovens e o crime - transgressões e justiça tutelar* (pp. 14-26). Porto: Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Acesso em 01 de Janeiro de 2017, disponível em Cescontexto: http://www.ces.uc.pt/publicacoes/cescontexto/ficheiros/cescontexto_debates_x.pdf

Hair, J., Anderson, R., Ronald, T., & Black, W. (2005). *Análise multivariada de dados*. (5th ed.). São Paulo: Bookman.

Hallberg, U. & Sverke, M. (2004). *Construct validity of the Maslach Burnout Inventory: two Swedish health care samples*. *European Journal of Psychological Assessment*, 20(4), 320-338.

Hickman, L.J., Jaycox, L.H., & Aronoff, J. (2004). Dating violence among adolescents. Prevalence, gender distribution, and prevention program effectiveness. *Trauma, Violence and Abuse*, 5, 123-142.

Hill, M., & Hill, A., (2000). *Investigação por questionário*. Lisboa: Sílabo.

Jouriles, E.; McDonald, R.; Garrido, E.; Rosenfield, D. & Brown, A. (2005). *Assessing aggression in adolescent romantic relationships: Can we do it better?*. *Psychological Assessment*, 17(4), 469–475.

Kaura, S.A., & Allen, C.M. (2004). Dissatisfaction with relationships power and dating violence perpetration by men and women. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 19, 5: 576-588.

Leitão, M. N., Fernandes, M. I., Fabião, J. S., Sá, M. C., Veríssimo, C. M., & Dixe, M. A. (2013). *Prevenir a violência no namoro: N(Amor)O (Im)Perfeito: Fazer diferente para fazer*

a *diferença*. Coimbra, Portugal: Escola Superior de Enfermagem de Coimbra; Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem.

Lopes, A.I.S. (2014). *Afetos, desafetos e abuso relacional na adolescência*. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Saúde de Viseu. Acedido em: <http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/2564/1/LOPES,%20Ana%20Isabel%20Silva%20-%20DissertMestrado%20-%20EMBARGO%2023%20JUN%202015.pdf>

Lucas, S. (2002). *A agressividade no namoro de adolescentes*. Dissertação do II curso de mestrado na especialidade de sexologia. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Maas, C.D., Fleming, C.B., Herrenkhol, T.I., & Catalano, R.F. (2010). Childhood predictors of teen dating violence victimization. *Violence and Victims*, 25: 131-149.

Machado, C. M. (2010). *Crenças e Representações Sociais dos Adolescentes sobre a Violência Interpessoal*. (Dissertação de Mestrado em Psicologia da Saúde e Intervenção Comunitária). Universidade Fernando Pessoa do Porto. Escola de Estudos Pós-Graduados e de Investigação.

Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2009). Violence in juvenile dating relationships: Self-reported prevalence and attitudes in a Portuguese sample. *Journal of Family Violence*, 25, 43-52

Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. I. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psicologica*, 33: 69-83.

Machado, C.; Gonçalves, M.; Almeida, L. & Simões, M. (2011). Instrumentos e contextos de avaliação psicológica (1ª ed.). Coimbra: Edições Almedina.

Maroco, J. (2007). *Análise Estatística com utilização do SPSS*. (3 ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Maroco, J., & Garcia, T.(2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas. *Laboratório de Psicologia*, 4 (1), 65-90

Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. J. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8: 55-75.

Mendes, E., & Cláudio V. (2010). Crenças e atitudes dos estudantes de enfermagem, engenharia e psicologia acerca da violência doméstica. In *Atas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia Universidade do Minho*. pp. 3219-3230.

Mendes, F. (2006). *Percursos da violência. Da família de origem à conjugalidade: um estudo com jovens adultos a frequentarem o ensino superior*. Tese de Mestrado não publicada. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Méndez, R.G., & Hernández, J.D.S. (2011). *Violencia en parejas jóvenes: análisis y prevención*. Madrid: Pirámide.

Ministério da Saúde (2010). *IV Plano Nacional Contra a Violência Doméstica*. Despacho n.º 243 (1.ª série). Lisboa: Direção Geral da Saúde.

Ministério da Saúde (2012). *Plano Nacional de Saúde 2012-2016*. Lisboa: Direção Geral da Saúde.

Moura, G. A. (2012). *Violência no namoro e estilos parentais na adolescência: Compreensão das atitudes face à violência nas relações de namoro em adolescentes e a relação com a sua percepção dos estilos parentais*. ISPA - Instituto Universitário das Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. Lisboa: ISPA - Instituto Universitário das Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. Acesso em 02 de Janeiro de 2017, disponível em <http://hdl.handle.net/10400.12/2280>

Mourão, A. R. (2014). *O duplo padrão sexual e a sua relação com a violência nas relações amorosas esporádicas dos/as jovens portugueses* (Dissertação de Mestrado, Instituto Universitário da Maia). Acedido em <http://repositorio.ismai.pt/bitstream/10400.24/333/1/TESE%20Ana%20Rita%20Mour%C3%A3o.pdf>

Muñoz-Rivas, M. J., Graña, J. L., & González, M. P. (2011). Abuso psicológico em pares jovens. *Psicología Conductual*, 19: 117-131.

Murta, S.G., Santos, B.R.P dos; Nobre, L.A., Araújo, Y.F. de, Miranda, A.A.V. et al. (2013). Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes. *Psicologia USP*, São Paulo, 24(2): 263-288. Acedido em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v24n2/v24n2a05.pdf>

Oliveira, J.A. (2011). *Violência no Namoro Adaptação de um Programa de Prevenção em Jovens Universitárias*. Dissertação de Mestrado. Universidade da Beira Interior. Ciências Sociais e Humanas. Covilhã. Acedido em: <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/2728/1/disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>.

Ordem dos Enfermeiros (2010). *Regulamento das competências específicas do enfermeiro Especialista em Enfermagem de saúde Inafil e Pediatria*. Lisboa: Ordem dos Enfermeiros. Acedido em

http://www.ordemenfermeiros.pt/legislacao/Documents/LegislacaoOE/RegulamentoCompetenciaCrian%C3%A7aJov_ aprovadoAG_20Nov2010.pdf

Organização Mundial de Saúde (2010). *Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher. Ação e produção de evidência*. Acedido em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/44350/3/9789275716359_por.pdf

Organização Mundial de Saúde [OMS] (2002). *World report on violence and Health*. Geneve: OMS.

Pais Ribeiro, J. (2008). *Metodologia de Investigação em Psicologia e Saúde* (2ª ed.). Porto: Porto Editora.

Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). *Abuso no relacionamento íntimo: estudo da prevalência em jovens adultos portugueses*. *Psychologica*, 36: 75-107.

Peixoto, J., Matos, M., Machado, C. (2013). *Violência Sexual no Namoro: os atletas universitários como grupo de risco?*. *Psicologia*, XXVII (1), 133-156. Lisboa: Edições Colibri. Acedido em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/30944/1/Violencia%20sexual%20no%20namoro.pdf>

Pestana, M. H., & Gageiro, J. (2014). *Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS* (6ª ed.). Lisboa: Sílabo.

Saavedra, R. (2010). *Prevenir antes de remediar: Prevenção da violência nos relacionamentos íntimos juvenis*. Tese de Doutoramento em Psicologia, especialidade de Psicologia da Justiça, apresentada à Escola de Psicologia da Universidade do Minho

Saavedra, R., Machado, C., & Martins, C. (2008). *Escala de atitudes sobre a violência no namoro (EAVN)*. In L. S. Almeida, M. R. Simões & M. M. Gonçalves (Eds.), *Instrumentos e contextos de avaliação psicológica* (vol. II). Coimbra: Almedina.

Saavedra, R., Machado, C., Martins, C., & Vieira, D. (2011). *Inventário de conflitos nas relações de namoro entre adolescentes*. In C. Machado, M. M. Gonçalves, L. Almeida, & M. R. Simões (Coords.), *Instrumentos e contextos de avaliação psicológica, Vol. I*. Coimbra: Almedina.

Saavedra, V., & Machado, C. (2012). *Programas de prevenção primária da violência nos relacionamentos íntimos: da prática internacional à prática nacional*. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*. Lisboa, 4(1): 65-93. Acedido em: http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/11067/962/1/rpca_v4_n1_4.pdf

Sakraida J. (2011). Modelo de Promoción de la Salud. Nola J Pender. In: Alligood, M. R., & Tomey, A. M. (2011). *Modelos y teorías en enfermería* (7 ed.). Barcelona: Elsevier Mosby.

Schwartz, J. P., Magee, M. M., Griffin, L. D., & Dupuis, C. W. (2004). Effects of a group preventive intervention on risk and protective factors related to dating violence. *Group Dynamics: Theory, Research and Practice*, 8, 221-231.

Soares, J. (2012). *Violência nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes do ensino médio de escolas públicas e privadas de Porto Alegre: prevalência e redes de apoio*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Enfermagem: Programa de Pós-Graduação.

Ventura, M. C., Frederico-Ferreira, M., & Magalhães, M.J. (2013). Violência nas relações de intimidade: crenças e atitudes de estudantes do ensino secundário. Referência: Revista de Enfermagem. *Revista Científica da Unidade de Investigação em Ciências da Saúde da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra*. III série, 11,95-103. ISSN:0874.0283.

Veríssimo, C. M., Catarino, H. C., Fabião, J. A., Ventura, M. C., Sá, M. C., Dixe, M. A., & Custódio, S. M. (2013). *Prevenir a violência no namoro: N(amor)o (im)perfeito: Fazer diferente para fazer a diferença*. Coimbra, Portugal: Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.

Verma, R. K., Pulerwitz, J., Vaishali, M., Khandekar, S., Barker, G., Fulpagare, P., & Singh, S. K. (2006). Challenging and changing gender attitudes among young men in Mumbai, India. *Reproductive and Health Matters*, 14, 135-143.

Anexo I – Pedido de autorização para a recolha de dados



Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior
Instituto Politécnico de Viseu

ESCOLA SUPERIOR DE SAÚDE DE VISEU

*Alc
Doutor
F*

02 MAR. 2016

000078

Exmo. Sr.
Diretor Dr. Bruno Freitas
Centro de Reabilitação Psicopedagógica da
Sagrada Família (CRPSF)
Caminho da Penteada, 48
S. Roque
9020-105 Funchal

VOSSA REFERÊNCIA:

VOSSA DATA:

NOSSA REFERÊNCIA:

ESSV 0118 12-FEB-16

ASSUNTO: PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA EFECTUAR COLHEITA DE DADOS

No âmbito da unidade curricular de Relatório Final, a Escola Superior de Saúde de Viseu (ESSV) e a estudante Lucélia Filipe Rodrigues Gomes, do 4.º Curso de Mestrado em Enfermagem Saúde Infantil e Pediatria, estão a realizar um estudo subordinado ao tema "Violência no namoro na adolescência".

Com este estudo pretende-se fazer o levantamento das necessidades dos adolescentes sobre a violência nos relacionamentos, no sentido de contribuir, no futuro, para se desenvolverem atividades mais direcionadas às necessidades evidenciadas pelos adolescentes.

Neste contexto, solicitamos a V.ª Ex.ª que se digne autorizar a recolha de dados junto dos adolescentes que frequentam a Instituição que V. Exa. dirige.

Em anexo enviamos um exemplar do Instrumento de Recolha de Dados.

Os resultados obtidos com este estudo serão colocados à disposição de V. Ex.ª, caso se coadunem com os interesses da Instituição a que preside. Mais informamos que a Professora Doutora Isabel Bica é a responsável pela orientação da investigação, estando disponíveis para prestar eventuais informações adicionais, através do telefone (232419100) ou fax (232428343) da ESSV.

Agradecemos uma resposta o mais brevemente possível por forma a cumprir os prazos académicos das estudantes.

Sem outro assunto de momento e muito gratos pela disponibilidade e atenção, apresentamos os melhores cumprimentos.

○ Presidente da ESSV

Professor Doutor Carlos Pereira

*P.C.
03/2016
Neste o optou
de acordo com
os princípios
de transparência e
de ética*

IB/AL

Tel. +351 232 419 100

Rua D. João Crisóstomo Gomes de Almeida, n.º102, 3500-843 Viseu, PORTUGAL

Fax. +351 232 428 343

E-mail essvgeral@essv.ipv.pt

Web. www.essv.ipv.pt

Anexo II – Protocolo do estudo



PROTOCOLO DO ESTUDO

1. Título

“A Violência no Namoro na Adolescência”

Nome do investigador principal: Lucélia Filipa Rodrigues Gomes

Instituição: Centro de Reabilitação Psicopedagógica da Sagrada Família (CRPSF)

2. Pergunta científica

- Como se caracteriza a violência nas relações amorosas dos adolescentes?
- Qual a relação entre as variáveis sociodemográficas dos adolescentes e familiares na violência no namoro?
- Qual a relação entre os fatores de risco (consumos aditivos e maus tratos) e a violência no namoro?

3. Enquadramento/ Estado da arte

Nas duas últimas décadas, o namoro na adolescência e os tipos de violência que estas relações podem envolver, passaram a constituir um problema social importante (Straus, 2004). A violência no namoro tem vindo a receber, sobretudo na última década, a atenção de muitos profissionais e investigadores, não apenas pela frequência que parece assumir dentro dos relacionamentos íntimos – sendo relatada por 25% a 30% dos jovens portugueses envolvidos em relações afectivas (Caridade, Machado e Vaz (2007) - e pelo impacto nas vítimas (Gray & Foshee, 1997 cit. Few & Rosen, 2005) mas, também, por ser considerada como um forte precursor para a violência nas relações de conjugalidade (e.g.,

Wekerle & Wolfe, 1999).

A violência não é um fenómeno moderno nem um estigma da sociedade atual. Ela acompanha o ser humano desde os tempos mais remotos, tendo as suas manifestações ocorrido de formas diferentes. Apesar de algumas das suas expressões serem claramente identificáveis, esta apresenta significados diversos, dependendo de variados fatores como a cultura e contexto em que ocorre (Levisky, 1998). Waiselfisz (2002) defende ainda que, no mundo atual, não existe apenas uma "violência", mas antes uma multiplicidade de manifestações deste fenómeno. O facto de muitas vezes esta ocorrer de forma subtil ou quase impercetível, faz com que o conceito se torne também ambíguo.

É na adolescência que se pode consolidar a aceitação da violência e também as crenças sobre a mesma, é uma fase crítica para agir no sentido da interiorização do que é uma relação saudável e o uso de outras formas de resolver conflitos que não a violência. Com efeito, os jovens devem ser entendidos como alvos de intervenção de prevenção primária, não somente como alvos passivos, mas essencialmente como agentes ativos de mudança capazes de interiorizarem novos conhecimentos, de desconstruírem mitos, de adquirirem competências e de as utilizarem eficazmente e de refletir sobre os efeitos dos seus comportamentos, tomando decisões pró-ativas de mudanças com repercussões no seu mundo pessoal e comunitário.

4. Objetivos

- Determinar a prevalência da violência no namoro
- Identificar as variáveis sociodemográficas que se relacionam com a violência no namoro
- Analisar o efeito das variáveis de contexto familiar e variáveis contextuais a maus tratos sobre a violência no namoro
- Analisar o efeito das variáveis de consumos aditivos sobre a violência no namoro

5. Desenho do estudo
Tipo de estudo: não experimental e encerra um <i>design</i> transversal e descritivo-correlacional.
Local: Unidade de Pedopsiquiatria de S. Rafael
Sujeitos: adolescentes em contexto de curto internamento
Crítérios de inclusão e exclusão: adolescentes que nunca tenham tido relações amorosas e adolescentes com distúrbios psicóticos
<p>Intervenções</p> <ul style="list-style-type: none"> - Aplicação da escala: inventário de conflitos nas relações de namoro entre adolescentes (CADRI) - Questionário sócio-demográfico
<p>Procedimento</p> <p>Questionário anónimo auto-administrado</p> <p>Os questionários serão aplicados em contexto de internamento, sendo preenchido individualmente. A administração dos questionários será concretizada presencialmente pela investigadora</p>
Ocultação [se aplicável]
<p>Resultados esperados</p> <p>Conhecer a prevalência do fenómeno da violência no namoro na população adolescente actual, contribuir para a identificação de variáveis que caracterizam sociodemograficamente o adolescente com vista a uma identificação dos fatores preditores e explicativos da violência no namoro juvenil, contribuir para a identificação de "grupos de risco" e para o desenvolvimento de acções que permitam prevenir ou ajudar a reduzir os seus efeitos, não só junto dos jovens adolescentes mas também junto de agentes educativos</p>

Exclusão da avaliação

Questionários incompletos com taxa de não resposta superior a 33%

6. Tratamento estatístico dos dados

Realizado no programa *Statistical Package for the Social Science* - SPSS (versão 21.0) para o sistema operativo Microsoft Windows.

7. Armazenamento dos dados

Sistema informático e papel na posse do investigador

8. Considerações éticas

Assegurado o carácter voluntário da participação, o anonimato e a confidencialidade dos dados, assim como a apropriação do estudo e a liberdade de desistência a qualquer momento, sem que esse facto constitua algum tipo de prejuízo pessoal.

9. Duração do estudo

Ano de 2015-2016

10. Referências bibliográficas

Caridade, S.; Machado, C. & Vaz, F. (2007). Violência no namoro: Estudo exploratório com jovens estudantes. *Psychologica*, 46, 197-214.

Few, A. L. & Rosen K. H. (2005). Victims of chronic dating violence: how women's vulnerabilities link to their decisions to stay. *Family Relations*, 54, 265-279.

- Levisky, L. (1998). *Adolescência: reflexões psicanalíticas* (2ª. ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Straus, M. (2004). Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. *Violence Against Women*, 10, 790-811.
- Wekerle, C. & Wolfe, D.A. (1999). Dating violence in mid-adolescence: theory, significance, and emerging prevention initiatives. *Clinical Psychology Review*, 19, 435-456.
- Waiselfisz, J. (2002). *Mapa da Violência III. Os jovens do Brasil. Juventude, Violência e Cidadania*. Brasília: UNESCO.

Anexo III – Autorização para a realização do estudo**DECLARAÇÃO**

ASSUNTO: Pedido para realização de projeto de investigação.


Exmo. Sra. Enf. Lucélia Gomes,

Depois de avaliada a sua proposta para realização nesta instituição do estudo, "A Violência no namoro na Adolescência", vimos comunicar-lhe que a mesma poderá ser realizada dentro dos pressupostos explicitados no projeto protocolo do estudo.

Esta autorização só será válida depois de nos enviar (por correio postal ou eletrónico) a "Declaração de Compromisso Referente à Execução e Divulgação do Estudo" devidamente assinada.

Com os nossos melhores cumprimentos,

O Diretor Clínico



(Ricardo Alves)

ANEXOS: Declaração de Compromisso Referente à Execução e Divulgação do Estudo

MOD.188.00

Instituto das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus
Caminho da Perleada, n.º 48 - S. Roque, 8120-109 Funchal
Tel.: (+351) 291 705 830 - Fax: (+351) 291 763 293
www.irmahospitaleiras.pt/ircpst

Anexo IV – Declaração de compromisso para a realização do estudo**DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO REFERENTE À EXECUÇÃO E DIVULGAÇÃO DO ESTUDO**

Eu, Lucélia Gomes, declaro que todos os processos do estudo "A Violência no namoro na Adolescência", serão realizados por mim ou pela equipa que coordeno, tal como descrito no projeto de investigação/ Protocolo do Estudo previamente enviado para a Vossa instituição.

Declaro ainda que:

1. Farei menção ao Centro de Reabilitação Psicopedagógica da Sagrada Família - Unidade Pedopsiquiatria São Rafael, na seção de agradecimentos, em todas as publicações que forem efetuadas com este estudo;
2. Irei enviar-vos todas as referências de eventuais publicações deste estudo;
3. Estarei disponível, em data a acordar, para apresentar uma breve comunicação sobre o estudo no Vosso estabelecimento de saúde, quando este estiver finalizado;
4. Deixarei uma cópia com os resultados do estudo referentes às pessoas atendidas no estabelecimento de saúde (quando aplicável).

2 de novembro de 2015

O Investigador

(Enf. Lucélia Gomes)

MOD.189.01

Instituto das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus
Caminho da Pentecosta, n.º 45 - S. Roque, 9500-105 Funchal
Tel.: (+351) 291 705 850 - Fax: (+351) 291 743 252
www.irmashospitaleiras.pt/crpsf

Anexo V – Consentimento Informado



**Irmãs
Hospitaleiras**

CENTRO DE REABILITAÇÃO
PSICOPEDAGÓGICA DA SAGRADA FAMÍLIA

Consentimento informado

Eu, _____ (nome), portador do BI/CC nº _____, residente em _____ concordo em participar no estudo (nº/nome/título do estudo) _____ que tem como objetivo _____

Depois de me ter sido dado a conhecer em detalhe este estudo e devidamente explicados os seus objetivos concordo em preencher os instrumentos necessários para o seu desenvolvimento:

- (detalhar os instrumentos a serem preenchidos pelos sujeitos da investigação)

Fui informado e estou consciente que:

- Tenho o direito de colocar, agora ou durante o desenvolvimento do estudo, qualquer questão acerca do mesmo;
- Será completamente salvaguardado o meu anonimato e nenhum dado identificativo será divulgado;
- Os dados recolhidos da minha situação atual serão incorporados nos resultados globais do estudo e poderão ser publicados ou apresentados pela equipa de investigação para os fins a que este estudo se destina;
- Sou livre de desistir do estudo a qualquer momento;
- Este documento será conservado de forma segura pela equipa de investigação e será destruído no fim do estudo.

Data: ___ / ___ / ___

Assinatura do participante

Assinatura do investigador

Anexo VI- Questionário de investigação



QUESTIONÁRIO DE INVESTIGAÇÃO

Vimos por este meio convidar-te a participar num estudo sobre a violência no namoro na adolescência.

O estudo será conduzido por Lucélia Filipa Rodrigues Gomes, aluna do Curso de Mestrado em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediatria da Escola Superior de Saúde de Viseu, sob supervisão da Professora Doutora Isabel Bica, e tem como objetivo caracterizar e compreender a violência no namoro na adolescência.

Para poder contar com a tua participação, pedimos que preenchas o seguinte questionário. Ele é constituído por duas partes: na primeira, pretendemos saber alguns dados genéricos acerca de ti e na segunda, encontras algumas questões sobre o teu relacionamento de namoro actual ou sobre relações que tenhas tido.

Depois de preenchido, o questionário deve ser colocado no envelope e devolvido à pessoa que te entregou.

Para a maior parte das questões é suficiente colocar **uma cruz** na quadrícula correspondente à opção de resposta escolhida, de entre aquelas que fazem parte das opções de resposta. Se não encontrares uma opção de resposta que corresponda à tua situação, escolhe aquela que te pareça ser a mais aproximada.

A participação é **voluntária**, não há qualquer consequência para quem se recusar a participar. Todos os dados são **confidenciais** ficando apenas na posse dos investigadores, que os utilizarão exclusivamente para investigação. Os questionários serão apenas identificados para os investigadores através de um número.

Peço-te que respondas a todas as questões, ***agradeço a tua colaboração e sinceridade!***

Questionário de caracterização Sócio-Demográfica

1. Idade: _____

2. Género: Feminino Masculino

3. Área de residência (localidade): _____

4. Com quem vives? _____

Sobre o teu Pai:	Sobre a tua Mãe:
<p>5. Estado Civil:</p> <p>Casado/Unido de Facto <input type="checkbox"/></p> <p>Recasado/Reunido de Facto <input type="checkbox"/></p> <p>Divorciado/Separado <input type="checkbox"/></p> <p>Viúvo <input type="checkbox"/></p> <p>Solteiro <input type="checkbox"/></p> <p>6. Habilitação Literárias:</p> <p>Ensino Básico <input type="checkbox"/> Curso Profissional <input type="checkbox"/></p> <p>2º ou 3º Ciclo <input type="checkbox"/> Licenciatura <input type="checkbox"/></p> <p>Ensino Secundário <input type="checkbox"/> Outro <input type="checkbox"/></p>	<p>5.1. Estado Civil:</p> <p>Casado/Unido de Facto <input type="checkbox"/></p> <p>Recasado/Reunido de Facto <input type="checkbox"/></p> <p>Divorciado/Separado <input type="checkbox"/></p> <p>Viúvo <input type="checkbox"/></p> <p>Solteiro <input type="checkbox"/></p> <p>6.1. Habilitações Literárias:</p> <p>Ensino Básico <input type="checkbox"/> Curso Profissional <input type="checkbox"/></p> <p>2º ou 3º Ciclo <input type="checkbox"/> Licenciatura <input type="checkbox"/></p> <p>Ensino Secundário <input type="checkbox"/> Outro <input type="checkbox"/></p>

8. Existe ou já existiu historial de algum tipo de violência conjugal na tua família? Sim Não

9. Alguma vez foste vítima de algum tipo de violência por parte dos teus familiares? Sim Não

10. Consomes álcool? Sim Não

11. Consomes drogas? Sim Não

Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro Adolescente (CADRI)

(Autores: Wolfe, Scott, Straatman, Grasley, & Reitzel-Jaffe, 2001;
Adaptação Portuguesa: R. Saavedra, C. Machado, C. Martins, & D. Vieira, 2008)

Vais encontrar de seguida um conjunto de afirmações em relação a situações de violência no namoro. Pede-se que leias atentamente essas frases e exprimas a tua opinião em relação a cada uma delas. Não existem respostas certas ou erradas. A tua opinião é o mais importante. Por favor, tenta responder de acordo com a tua forma de pensar e sentir e não como achas que deveria ser.

Avalia cada afirmação, colocando um (X) na opção que melhor traduza o teu modo de pensar. Assegura-te de que respondeste a todas as questões, devendo optar apenas por uma das hipóteses apresentadas.

As respostas a este questionário são absolutamente confidenciais.

Obrigada pela tua colaboração!

A) ASSINALA COM UMA CRUZ (X) A OPÇÃO QUE MELHOR SE APLICA À TUA SITUAÇÃO.

- Namoro ou já namorei
- Nunca namorei (**Se escolheste esta opção não precisas responder a este questionário**)
- Saio ou saí com alguém apesar de não existir um compromisso de namoro (**Se escolheste esta opção, não precisas responder a este questionário**)

B) SE JÁ ESTIVESTE ENVOLVIDO NUMA RELAÇÃO DE NAMORO, POR FAVOR, RESPONDE À SEGUINTE

QUESTÃO:

Com que idade começaste a namorar? _____

C) NAS PÁGINAS QUE SE SEGUEM SÃO FEITAS ALGUMAS QUESTÕES SOBRE OS TEUS RELACIONAMENTOS ACTUAIS OU SOBRE RELAÇÕES QUE TENHAS TIDO. POR FAVOR ASSINALA A PESSOA EM QUE ESTÁS A PENSAR QUANDO RESPONDES A ESTAS QUESTÕES:

- Estou a pensar na pessoa que é o meu (minha) namorado(a) actualmente.
- Estou a pensar num(a) ex-namorado(a) do último ano.
- Estou a pensar num(a) ex-namorado(a) há mais de um ano.

As perguntas que se seguem questionam-te acerca de coisas que poderão ter acontecido contigo e com o teu namorado ou namorada durante uma discussão. Assinala o quadrado que melhor identifica o número de vezes que essas coisas aconteceram com o teu /tua actual ou ex-namorado(a), no último ano. Por favor, lembra-te que todas as respostas são confidenciais. Como guia de resposta, utiliza a seguinte escala:

Nunca: isto nunca aconteceu no teu relacionamento

Raramente: isto aconteceu apenas 1-2 vezes no teu relacionamento

Às vezes: isto aconteceu cerca de 3-5 vezes no teu relacionamento

Frequentemente: isto aconteceu mais do que 6 vezes no teu relacionamento

DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A):	NUNCA	RARAMENTE	ÀS VEZES	FREQUENTEMENTE
1. Eu apresentei os meus motivos.				
1.1. Ele(a) apresentou os motivos dele(a).				
2. Eu toquei-o(a), sexualmente, contra a vontade dele(a).				
2.1. Ele(a) tocou-me, sexualmente, contra a minha vontade.				
3. Eu tentei pôr os amigos dele(a) contra ele(a).				
3.1. Ele(a) tentou pôr os meus amigos contra mim				
4. Eu fiz alguma coisa para lhe provocar ciúmes				
4.1. Ele(a) fez alguma coisa para me provocar ciúmes.				
5. Eu destruí ou ameacei destruir alguma coisa de que ele(a) gostava.				
5.1. Ele(a) destruiu ou ameaçou destruir alguma coisa de que eu gostava.				

DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A):	NUNCA	RARAMENTE	ÀS VEZES	FREQUENTEMENTE
6. Eu admiti que tinha alguma culpa.				
6.1. Ele(a) admitiu que tinha alguma culpa.				
7. Eu relembrei uma coisa má que ele(a) tinha feito no passado.				
7.1. Ele(a) relembrou uma coisa má que eu tinha feito no passado.				
8. Eu atirei-lhe alguma coisa.				
8.1. Ele(a) atirou-me alguma coisa.				
9. Eu disse coisas só para o(a) deixar furioso(a).				
9.1. Ele(a) disse coisas só para me deixar furiosa(o).				
10. Eu dei razões para achar que ele(a) estava errado(a).				
10.1. Ele(a) deu razões para achar que eu estava errada(o).				
11. Eu concordei que ele(a) estava, em parte, certo(a).				
11.1. Ele(a) concordou que eu estava, em parte, certa(o).				
12. Eu falei com ele(a) num tom de voz agressivo e mau				
12.1. Ele(a) falou comigo num tom de voz agressivo e mau.				
13. Eu forcei-o(a) a ter relações sexuais comigo quando ele(a) não queria.				
13.1. Ele(a) forçou-me a ter relações sexuais com ele(a) quando eu não queria.				
14. Eu apresentei uma solução que achei boa para os dois.				
14.1. Ele(a) apresentou uma solução que achou boa para os dois.				

DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A):	NUNCA	RARAMENTE	ÀS VEZES	FREQUENTEMENTE
15. Eu ameacei-o(a), para tentar ter relações sexuais com ele(a).				
15.1. Ele(a) ameaçou-me, para tentar ter relações sexuais comigo.				
16. Eu deixei de falar até ele(a) se acalmar.				
16.1. Ele(a) deixou de falar até eu me acalmar.				
17. Eu insultei-o(a) com coisas humilhantes.				
17.1. Ele(a) insultou-me com coisas humilhantes.				
18. Eu discuti o assunto calmamente.				
18.1. Ele(a) discutiu o assunto calmamente.				
19. Eu beijei-o(a) quando ele(a) não queria.				
19.1. Ele(a) beijou-me quando eu não queria.				
20. Eu contei coisas aos amigos dele(a) para os pôr contra ele(a).				
20.1. Ele(a) contou coisas aos meus amigos para os pôr contra mim.				
21. Eu gozei-o(a) ou fiz pouco dele(a) em frente de outros.				
21.1. Ele(a) gozou-me ou fez pouco de mim em frente de outros.				
22. Eu disse-lhe o quanto aborrecida(o) estava.				
22.1. Ele(a) disse-me o quanto aborrecido(a) estava.				
23. Eu controlo com quem ele(a) está e onde está.				
23.1. Ele(a) controla com quem eu estou e onde estou.				
24. Eu culpei-o(a) pelo problema.				
24.1. Ele(a) culpou-me pelo problema.				

DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A):	NUNCA	RARAMENTE	ÀS VEZES	FREQUENTEMENTE
25. Eu dei-lhe pontapés, bati-lhe ou dei-lhe murros.				
25.1. Ele(a) deu-me pontapés, bateu-me ou deu-me murros.				
26. Eu abandonei a sala para me acalmar.				
26.1. Ele(a) abandonou a sala para se acalmar.				
27. Eu desisti só para evitar um conflito.				
27.1. Ele(a) desistiu só para evitar um conflito.				
28. Eu acusei-o(a) de se meter com outras(os) raparigas/rapazes.				
28.1. Ele(a) acusou-me de me meter com outros(as) rapazes/raparigas.				
29. Eu tentei assustá-lo(a) de propósito.				
29.1. Ele(a) tentou assustar-me de propósito.				
30. Eu dei-lhe uma bofetada ou puxei-lhe o cabelo.				
30.1. Ele(a) deu-me uma bofetada ou puxou-me o cabelo.				
31. Eu ameacei magoá-lo(a).				
31.1. Ele(a) ameaçou magoar-me.				
32. Eu ameacei terminar o namoro.				
32.1. Ele(a) ameaçou terminar o namoro.				
33. Eu ameacei bater-lhe ou atirar-lhe com qualquer coisa.				
33.1. Ele(a) ameaçou bater-me ou atirar-me com qualquer coisa.				
34. Eu empurrei-o(a), dei-lhe encontrões ou abanei-o(a).				
34.1. Ele(a) empurrou-me, deu-me encontrões ou abanou-me.				
35. Eu espalhei boatos contra ele(a).				
35.1. Ele(a) espalhou boatos contra mim.				

